

Revista Adventista

Ano 77 - Nº 830 - €1,90

Julho 2016

FEBE

Era ela uma líder da Igreja Primitiva?



O AMOR JULGADO
Está pronto para o Juízo Final?

06



QUEM FAZ A ESCOLHA?
Estamos nós predestinados?

26



QUANDO A IGREJA INVADE O MUNDO

A Igreja em ação.

32

CHAMADOS PARA SERVIR

"De graça recebestes, de graça dai." Mateus 10:8.



Fazei da obra de Cristo o vosso exemplo.

Constantemente Ele saía fazendo o bem – alimentando o faminto, **curando** os enfermos. Ninguém que a Ele viesse em busca de simpatia saía desapontado. Comandante das cortes celestiais, Ele Se fez carne e **habitou entre nós**, e a Sua vida de trabalho é um exemplo da tarefa que devemos executar. O Seu **amor** terno e **piedoso** é uma repreensão ao nosso egoísmo e dureza de coração.

ELLEN G. WHITE, BENEFICÊNCIA SOCIAL, CPB, [S. D.], P. 45.

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock
E-mail: revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes

Paulo Santos
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda.
Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



ARTIGO DE FUNDO



12

Febe

O papel de Febe no Cristianismo Primitivo tem sido debatido ao longo dos séculos.

REFLEXÃO



30

"Está consumado!"

Estas foram as duas últimas palavras que Jesus exclamou na cruz, ao terminar a Sua obra de salvação aqui na Terra.

DEVOCIONAL



23

Um vislumbre de luz

Chegado a este ponto, eu comecei a orar como nunca tinha orado em toda a minha vida.

04 O CHAMADO

EDITORIAL

05 MEMO / BANCO DE LEITURA

17 NÃO DESESPERES!

ESPAÇO JUVENIL

18 NOTÍCIAS NACIONAIS

22 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

06 O AMOR JULGADO > BÍBLIA

É uma certeza absoluta para os Cristãos que todos os seres humanos terão de comparecer perante o tribunal de Cristo quando a história da Terra chegar ao fim.

26 QUEM FAZ A ESCOLHA? > TEOLOGIA

Gostaria de descobrir que Deus não o escolheu para ser salvo, não o ajudará como ajuda os escolhidos e irá condená-lo à morte eterna?

32 QUANDO A IGREJA INVADE O MUNDO > EVANGELISMO

No sonho de Deus, cada igreja seria um centro de ensino, uma escola de missões que treinaria voluntários para abençoar a vizinhança do templo.





O chamado

“Como Seus representantes entre os homens, Cristo não escolheu anjos que nunca pecaram, mas seres humanos, homens com as mesmas paixões daqueles a quem buscavam salvar.” – *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, p. 242.

A Terra poderia ter sido toda povoada por anjos perfeitos, que certamente espalhariam o amor de Deus. Mas Deus, no Seu infinito amor, criou os primeiros “missionários”: Adão e Eva. Não só deveriam multiplicar-se biologicamente, como deveriam também comunicar o amor de Deus à sua descendência. Após a saída do Jardim do Éden, o mundo tornou-se num campo que precisava de ser lavrado e preparado para receber a semente da palavra viva de Deus. “Com quase impaciente ansiedade os anjos esperam a nossa cooperação; pois o homem deve ser o instrumento para comunicar com o homem. E, quando nos entregamos a Cristo numa consagração de todo o coração, os anjos alegram-se por poderem falar através da nossa voz, para revelar o amor de Deus.” – *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, p. 243.

Ao longo de toda a história bíblica, Deus chamou homens, mulheres, jovens e crianças para

trabalharem na Sua seara como semeadores das boas-novas. “Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara” (Mateus 9:38). Independentemente da nossa cultura, capacidade ou apetências, Deus tem um plano para cada um de nós. Ele dá a todos dons que os habilitam a trabalhar na Sua seara. “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres” (Efésios 4:11). Na seara de Deus, todos nós somos chamados ao trabalho, não pelas nossas próprias capacidades, mas pelo poder que Deus tem em capacitar aqueles a quem chama. “Não foram vocês que me escolheram; pelo contrário, fui eu que vos escolhi para que vão e deem fruto e que esse fruto não se perca” (João 15:16).

A Bíblia apresenta em cada um dos seus livros personagens que aceitaram viver uma experiência com Deus. Aqueles que seguiram os caminhos de Deus viveram uma grande alegria e experiências inesquecíveis, em contraste com aqueles que rejeitaram o chamado. Não pode haver maior honra nesta Terra do que aceitar o chamado de Deus. É um enorme privilégio ser chamado por Deus para trabalhar na Sua vinha. Privilégio esse que traz ao ser humano uma hon-

ra eterna. “Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus, como aconteceu com Araão” (Hebreus 5:4). No entanto, o ser humano deve viver uma vida de oração e de perseverança. A tendência humana é desanimar perante os obstáculos. “Todos nós devemos ser coobreiros de Deus. Nenhum preguiçoso é reconhecido como servo Seu. Os membros da igreja devem reconhecer, individualmente, que a vida e a prosperidade da igreja são afetadas por seu procedimento.” – *Serviço Cristão*, p. 10. Quero lembrar àqueles que aceitam Jesus como seu Salvador pessoal que, uma vez ao serviço de Deus, é necessário vigiar e orar constantemente, para não desanimarmos. “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor” (I Coríntios 15:58). Jesus teve o cuidado de dizer que veio a este mundo para servir e não para ser servido (Mateus 10:45). Assim, o maior de todos os chamados é o de servir Deus e o próximo. O amor ao próximo deve caracterizar o chamado de cada um. ♣

• **Pr. Antônio Rodrigues,**
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

julho

01-31	Colportagem Jovem
02	Dia de Jejum e Oração
08-10	Convenção Nacional de Educação
23	Dia das Crianças
29-31	Acampamento Bíblico <i>Logos</i>

agosto

02-10	Acampamento Nacional de Famílias
03-13	Impacto
21-28	<i>Camporee</i> Nacional de Desbravadores

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

julho

04-08	Associação da Baviera (SGU)
11-15	Publicadora SerVir (PU)
18-22	Associação do Banat (RU)
25-29	Associação do Norte da França (FBU)

agosto

01-05	Publicadora <i>Advent Verlag</i> (SU)
08-12	Associação da Suíça Franco-Italiana (SU)
15-19	Universidade Adventista de Friedensau (EUD)
22-26	Casa Publicadora <i>Saatkorn</i> (EUD)

ANTENA 1  RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

18/07	Segunda-feira
28/07	Quinta-feira
08/08	Segunda-feira
29/08	Segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

28/08	Domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.



BANCO DE LEITURA

Teologia do Remanescente

Ángel Manuel Rodríguez (ed.)

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem pretendido ser, desde a sua fundação, a Igreja Remanescente profetizada em Apocalipse 12:17. Esta pretensão apoia-se na interpretação das características atribuídas por João ao “remanescente da semente” da mulher. De facto, é dito no texto citado que aqueles que fazem parte

deste remanescente “guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo”. Sendo a nossa Igreja a única denominação na Cristandade que possui estas duas características, os teólogos Adventistas têm concluído que ela é a Igreja Remanescente. Assim, podemos estar certos da identidade e do destino profético que caracterizam a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Ora, o livro que lhe quero apresentar, caro Leitor, é um extraordinário instrumento para reforçar a nossa fé no caráter profético da nossa Igreja. Ao apresentar uma teologia do Remanescente, o livro editado por Ángel Manuel Rodríguez desenvolve uma perspectiva eclesiológica Adventista. Este livro apresenta o conceito de “Remanescente” no Antigo Testamento, nas obras apocalípticas judaicas não canónicas e em Qumran, nos Evangelhos, no pensamento paulino e no Apocalipse. Há igualmente capítulos dedicados à relação entre o remanescente e os mandamentos de Deus, à teologia no Sábado no Apocalipse e às marcas do remanescente do tempo do fim no Apocalipse. Também é estudado o remanescente na teologia Adventista contemporânea e nos escritos de Ellen G. White. Finalmente, aborda-se a relação entre o remanescente do tempo do fim e a Igreja Cristã. Assim, este livro de 253 páginas é uma verdadeira mina de ouro teológica, pois ele dá-nos as ferramentas para compreendermos (e para defendermos) o especial caráter eclesial que a nossa Igreja tem reclamado para si desde a sua fundação. Este é um livro a adquirir se quisermos perceber por que razão a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a Igreja Remanescente da profecia. Seremos então Adventistas mais convictos e mais capazes de dar as razões da nossa fé. ¶

Paulo Lima
Redator da Revista Adventista



O amor julgado

Imagine esta cena... No dia do Juízo Final, bilhões de seres humanos estavam espalhados numa grande planície diante do trono branco de Deus que se erguia no cimo da Nova Jerusalém. A maioria deles tinha-se afastado o mais possível da luz brilhante que emanava do trono. Mas alguns grupos tinham permanecido junto dele. As pessoas nesses grupos discutiam acaloradamente, animadas não pela vergonha ou pela culpa, mas por uma forte hostilidade contra o Juiz. “Como é que Deus nos pode julgar? O que pode Ele saber sobre o sofrimento?”, perguntou agres-

sivamente um jovem albanês. Ele levantou a sua camisola e mostrou as cicatrizes de várias balas, dizendo: “No Kosovo tivemos de suportar o terror e a tortura!” Num outro grupo, uma aborígene australiana idosa mostrou uma velha fotografia que retirara do bolso. “É o meu sofrimento? Esta era a minha amada filha. Nunca mais a vi desde que ela me foi retirada pelo governo apenas por ser aborígene!” Num outro grupo interrogava-se um jovem toxicodependente: “Não tive culpa de cair no vício. Porque devo sofrer mais ainda?”

Ao longo de toda a planície tinham-se começado a reunir cen-

tenas de grupos como estes. Cada um deles tinha uma queixa contra Deus por causa do sofrimento e do mal que Ele tinha permitido que existisse no mundo. Os membros destes grupos diziam entre si: “Como Deus tem sorte em viver no Céu, onde tudo é serenidade e luz, onde não há choro, nem medo, nem fome, nem ódio. O que sabe Deus sobre o nosso sofrimento, nós que fomos obrigados a viver neste mundo cruel?” Assim, cada um destes grupos enviou um representante, escolhido por ter sido aquele que, entre eles, mais tinha sofrido: Um prisioneiro dos campos de concentração

nazis, uma mulher de Hiroxima, um doente de lepra, um adolescente que sofrera de leucemia. Estes líderes reuniram-se no centro da planície e consultaram-se mutuamente. Até que, finalmente, estavam prontos para apresentar o seu caso a Deus. Era uma sentença de condenação assente em argumentos bem elaborados. Disseram eles: “Antes de Deus estar qualificado para ser o nosso Juiz, Ele deve suportar o que nós suportamos. Ele deve viver na Terra – como um ser humano! Que Ele nasça como membro de uma raça odiada. Que a legitimidade do Seu nascimento seja questionada. Que lhe seja dado um trabalho tão difícil que até a Sua família julgue que Ele é louco por o realizar. Que Ele seja traído pelos Seus amigos mais próximos. Que Ele seja falsamente acusado, seja julgado por um júri parcial e seja condenado por um juiz covarde. Que Ele seja torturado. Por fim, que Ele sinta o que é estar completamente só. Que Ele morra de um modo terrível. Que Ele morra de tal forma que não possa haver dúvida de que realmente faleceu. Que haja um grande número de testemunhas que verifiquem a Sua morte.” Enquanto os líderes comunicavam a sentença de condenação que iam apresentar a Deus, ouviam-se murmúrios de aprovação provindos dos bilhões de seres humanos que iriam ser submetidos ao Juízo.

Mas quando a sentença proposta pela Humanidade que seria julgada foi finalmente apresentada diante do trono de Deus, houve um grande e prolongado silêncio. Ninguém se moveu. Surgiu então no trono branco, por cima da Nova Jerusalém, a figura de Jesus Cristo. Subitamente, todos aqueles bilhões de seres humanos perceberam que, em Cristo, Deus

já tinha sofrido a aplicação daquela sentença!

É uma certeza absoluta para os Cristãos que todos os seres humanos terão de comparecer perante o tribunal de Cristo quando a história da Terra chegar ao fim. Por isso, seria bom refletirmos sobre a Parábola do Juízo Final. Esta é a parábola mais solene contada por Jesus. Ela é narrada apenas no Evangelho de Mateus. Cristo criou esta pequena história para nos alertar para a necessidade de vivermos uma vida que nos prepare para enfrentar o supremo Juiz no dia do Seu ajuste de contas com a Humanidade. Neste artigo vamos realizar uma interpretação passo a passo do texto da referida parábola. Deste modo poderemos compreender a fundo as palavras de Jesus e descobrir a lição que elas têm para nós. Assim, convido-vos a partirem comigo em busca do sentido profundo da Parábola do Juízo Final.

Uma cena de Juízo

Esta é a última parábola que Cristo contou, dois dias antes da Sua condenação à morte. Ela é uma parábola um pouco diferente, porque é também uma profecia sobre o Juízo vindouro. Nesta parábola, Jesus descreve, de forma simples e prática, o grande momento do Juízo Final que todos os seres humanos terão de enfrentar, e apresenta os critérios éticos em que se baseará a decisão judicial emanada do Filho do homem.

De facto, Jesus começa a Sua Parábola do Juízo Final com uma descrição breve da definitiva vinda do “Filho do homem” à Terra para inaugurar o Seu reino e para julgar a Humanidade, sentando-Se no trono da Sua glória. Portanto, Cristo apresenta a ideia de que o Juízo futuro terá o “Filho do homem” como Juiz. Esta ideia

era familiar a muitos Judeus do primeiro século, pois era apresentada por alguns escritos apocalípticos judaicos amplamente difundidos. Por exemplo, Daniel 7:13 e 14 descreve o modo como Deus concede o poder e a glória a “um semelhante ao Filho do homem”, e *I Enoch* 62:1-5 retrata o “Filho do homem” sentado no trono da sua glória”. Jesus fala aqui do Filho do homem na terceira pessoa. No entanto, pelo uso que Cristo fazia do título “Filho do homem”, sabemos que Ele Se identificava com essa figura escatológica tão presente na literatura apocalíptica judaica (e.g. Mateus 8:20; 16:27; 24:27, 30; 26:64). Portanto, Jesus apresenta-Se nesta Parábola do Juízo Final como sendo o Juiz de toda a raça humana. Assim, o Rei messiânico manifesta-Se finalmente investido das Suas funções reais, rodeado dos santos anjos e resplandecente de glória. Esta era a glória que Jesus tinha com Deus Pai antes da Sua encarnação (João 17:5). A referência aos “santos anjos” é uma alusão ao texto profético de Zacarias 14:5, onde são referidos os “santos” que acompanharão o Senhor na Sua vinda à Terra para julgar os homens. A associação dos anjos com a tarefa do Juízo é claramente ensinada em Daniel 7:10 e em Apocalipse 5:11, textos onde é descrita a inumerável hoste angélica que acompanha o Juízo. No Seu sermão sobre o tempo do fim, Jesus tinha ensinado claramente que miríades de anjos O acompanharão no Seu regresso à Terra (Mateus 24:30 e 31). O mesmo ocorrerá no Seu regresso definitivo ao nosso Planeta, para proceder ao Juízo Final (cf. Apocalipse 20:11-15).

Pela ação dos anjos e segundo a vontade divina, “todas as nações” são então reunidas perante o Filho do homem (cf. Mateus 13:41,

49; 16:27). Trata-se da reunião final da Humanidade para enfrentar o Juízo. Neste momento, a família do Céu e a família da Terra encontram-se finalmente reunidas. Todos os santos anjos estarão presentes, bem como todos os seres humanos que já viveram sobre a Terra. O facto de o Filho do homem ter regressado à Terra e ter dado início ao Juízo indica que o Evangelho já fora “pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações” (Mateus 24:14). Todos os seres humanos que estão agora presentes perante o Juiz tiveram a oportunidade de ouvir e de aceitar ou rejeitar o Evangelho que oferecia a salvação. Está também implícito aqui que já ocorreu a ressurreição de todos os homens, para que todos possam enfrentar o Juízo Final (Daniel 12:1 e 2; *I Enoch* 51:1 e 2; *Testamento de Benjamim* 10:1-11; *IV Ezra [II Esdras]* 7:32-34; 14:35; Apocalipse 20:11-15).

Auxiliado pelos Seus anjos, o Filho do homem separa então os seres humanos em dois grupos, metaforicamente identificados como sendo as “ovelhas” e os “bodes”. À Sua direita são colocadas as ovelhas e à Sua esquerda os bodes. Dado que a maioria dos seres humanos é dextra, o lado direito é usado nesta parábola como o lado do favor e da bênção (Génesis 48:13 e 14; *Testamento de Benjamim* 10:4; Marcos 14:62; 16:19; Colossenses 3:1), enquanto o lado esquerdo é o lado do desfavor e da maldição. Esta cena não retrata o procedimento investigativo de um tribunal, mas sim a execução da sentença que foi anteriormente lavrada. Porque utiliza Jesus a metáfora da separação das ovelhas e dos bodes pelo pastor? Sabemos que na Palestina do tempo de Cristo era comum haver rebanhos mistos

(cf. Génesis 30:32 e 33). Ovelhas e cabras eram apascentadas juntas durante o dia. Ao anoitecer os pastores tinham de separar as ovelhas das cabras, dado que as cabras têm que ser mantidas quentes à noite (porque o frio as prejudica), enquanto as ovelhas preferem passar a noite ao relento. Além disso, as ovelhas eram mais valiosas do que as cabras e as ovelhas palestinas eram habitualmente brancas, sendo as cabras palestinas habitualmente negras. Quando o rebanho misto regressava ao curral à noite, a separação podia ser feita sem dificuldade mesmo no lusco-fusco do anoitecer. Assim, as ovelhas, pela brancura da sua lã, pela sua doçura e pelo seu maior valor, eram símbolos adequados para representar os justos, enquanto os bodes, pela sua cor negra, pela sua conduta rebelde e pelo seu menor valor, eram símbolos perfeitos dos ímpios.

A virtude recompensada

Jesus Cristo, o Justo Juiz, dirige-Se então aos justos que estão à Sua direita. Ele dirige-Se primeiro a eles porque são mais dignos do que os ímpios e porque Ele prefere muito mais recompensar do que punir. Jesus considera os justos como “benditos” que pertencem a Deus Pai e dá-lhes as boas-vindas ao reino messiânico. Note-se que, tal como Jesus, o Messias, é bendito (Mateus 21:9; 23:39), também os Seus seguidores o são. Devemos ter presente que o reino messiânico restaura o domínio da raça humana sobre a Terra. De facto, o homem tinha sido originalmente indigitado por Deus para ser o senhor do nosso Planeta (Génesis 1:28), mas por ter pecado perdeu esse domínio para Satanás (cf. Job 1:7; 2:2; João 12:31; 16:11). O profe-

ta Daniel antecipava com alegria o dia em que os santos voltariam a receber o reino da Terra que tinha sido originalmente planeado por Deus para o homem (Daniel 7:27). Assim, o plano original de Deus para este mundo, temporariamente frustrado pela entrada do pecado, será finalmente realizado. O facto de que os justos vão finalmente possuir por herança o reino eterno que estava preparado para eles desde a fundação do mundo implica que Deus sabia desde o princípio quais seriam aqueles que se salvariam, sendo eles os eleitos de Deus. Significa isto que Deus predestinou uns para a salvação e outros para a perdição? Não. Na verdade, como nos diz o apóstolo Paulo, Deus “quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade” (I Timóteo 2:4). Ele elegeu todos os seres humanos para a salvação. No entanto, Deus sabe desde sempre quais são os que se salvarão e os que não se salvarão. Ele sabe quais são os seres humanos que farão bom uso da Sua eleição para a salvação e quais são os seres humanos que não o farão. Mas este conhecimento prévio de Deus não anula a realidade da liberdade e da responsabilidade humanas. De facto, esta Parábola do Juízo Final mostra claramente que foi dada liberdade moral aos seres humanos e que é responsabilidade de cada um deles agir ou não segundo os princípios do Evangelho de Cristo. Por isso, nos versículos seguintes, os justos são louvados pelo Juiz por terem procedido movidos pela misericórdia e pelo amor, enquanto os ímpios são censurados por não o terem feito.

Jesus apresenta agora as razões que levaram à salvação dos justos. Vemos que o Juízo irá avaliar até que ponto os princí-

pios práticos do Evangelho foram aplicados por cada ser humano na vida diária. Cristo declara que os justos estão salvos porque eles O alimentaram, hidrataram, abrigaram, vestiram, e visitaram quando Ele esteve preso ou doente. Portanto, Cristo enumera seis atos de bondade que foram realizados pelos justos e que fazem deles merecedores da vida eterna. A bondade para com os necessitados já era amplamente recomendada nos escritos judaicos (Isaías 58:7; Job 22:7; Provérbios 25:21; Ezequiel 18:7; *Tobias* 4:16; *Sirácida* 7:35; *IV Ezra [II Esdras]* 2:20 e 21; *II Enoch* 9:1) e os rabinos também consideravam que praticar atos de bondade era mais meritório do que simplesmente dar esmola (*Talmud Sukkah* 49b; *Mishnah Aboth* 1.2). Ao indicar a bondade para com o próximo como o critério do Juízo Final a que a Humanidade será submetida, Jesus não está necessariamente a excluir outros critérios. No entanto, a prática da bondade movida pelo amor é destacada como o principal critério do Juízo Final porque ela

era o cerne moral da doutrina de Cristo e porque ela pode ser realizada naturalmente mesmo por aqueles que desconhecem a doutrina cristã, mas seguem os ditames da sua consciência moral. Embora a salvação não seja pelas obras, as obras de bondade para com o próximo são o sinal de que aquele que as pratica tem uma fé efetiva e que é conduzido pelo Espírito de Deus.

Mas os justos não tem qualquer memória de terem auxiliado Jesus. Eles interrogam-se, admirados: “Quando é que procedemos assim para contigo?” A sua pergunta mostra que os seus atos de bondade foram feitos sem terem pensado que estavam a fazer algo de especial para Cristo. Eles não têm consciência de ter qualquer mérito moral especial, porque a prática da benevolência era algo habitual para eles. Cristo explica-lhes, então, o que parece ser um paradoxo, dizendo-lhes que “quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40). Assim, Cristo considera que os atos de benevolência feitos aos neces-

sitados na realidade foram feitos a Ele. Cristo revelou-Se na pessoa dos pobres e dos necessitados. O Filho do homem identifica-Se assim com todos os homens sofredores, pois comprou-os com a Sua morte (cf. Isaías 53). Por isso, não tem vergonha de lhes chamar “irmãos” (cf. Hebreus 2:11 e 12). A Sua perfeita empatia com eles colocou-O na posição desses sofredores. Devido à Sua identificação com os seres humanos necessitados, Jesus considera como tendo sido feito a Si aquilo que lhes foi feito. É interessante constatar que, em toda a literatura apocalíptica judaica, o Messias é descrito como um ser glorioso e poderoso, mas nunca é retratado como um ser movido pelo amor e pela empatia. Este é um original traço caracterizador do Messias que provém do ensino do próprio Jesus. De facto, na Sua função de Juiz universal, Jesus permanece fiel à lógica de solidariedade e de bondade que O guiou durante toda a Sua existência terrena. Assim, os Seus ensinamentos sobre a bondade para com o próximo – revelados, por exemplo, na Parábola



do Bom Samaritano – serão parte dos critérios utilizados para julgar a Humanidade. A lei em que assentará o Juízo Final será a lei do amor (Tiago 2:8).

A ruína do egoísmo

Depois de ter louvado os justos e de ter-lhes assegurado a posse do reino messiânico, Cristo dirige-Se aos ímpios que estão à Sua esquerda. A sentença proferida contra eles é terrível. Em vez do convite “Vinde!”, Jesus dirige-lhes a ordem “Apartai-vos de mim!”. Em vez de receberem o “reino”, eles são destinados ao “fogo eterno” que deverá destruir “o diabo e os seus anjos” (Mateus 25:41). Note-se que Deus preparou o reino messiânico para os homens. O fogo destruidor não foi preparado para eles. Ele foi preparado para Satanás e para os anjos que o seguiram (II Pedro 2:4; Judas 6 e 7). No entanto, devido à sua teimosa rebelião, muitos seres humanos irão partilhar o destino das hostes angélicas do mal. Esta não é a vontade de Deus, mas é o resultado último das más ações praticadas pelos ímpios (Ezequiel 18:23, 32; *Sabedoria* 1:13). São as suas obras que os tornam inaptos para a companhia dos santos e dos anjos de Deus. Tendo-se tornado

semelhantes aos anjos caídos no cultivo da rebelião e no ódio ao bem, eles terão de partilhar o seu destino final: a destruição total.

Cristo fala do “fogo eterno” e do “tormento eterno” como sendo o destino dos ímpios, em oposição à “vida eterna” concedida aos justos (Mateus 25:41, 46). Significa isto que os ímpios irão arder eternamente na *Geena* de fogo? A palavra portuguesa “eterno” traduz o termo grego *aiônios*. Este termo significa literalmente “que dura por uma era”, ou seja, algo que tem duração contínua durante um certo período de tempo definido. Portanto, *aiônios* exprime a ideia de perpetuidade, mas no interior de limites temporais bem definidos. Esses limites são estabelecidos pela natureza do objeto ou do sujeito a que se aplica o termo *aiônios*. Quando ele é aplicado à vida concedida aos justos – como em Mateus 25:46 – ele significa “eterno”, porque essa vida mede-se pela duração temporal do próprio Deus que a concede; e Deus é eterno. Mas quando se aplica ao castigo pelo fogo que será dispensado aos ímpios, percebemos que esse castigo e esse fogo não podem ser eternos. De facto, a natureza mortal dos ímpios não permite que o fogo que os castiga seja eterno. Na Epís-

tola de Judas fica bem claro que o “fogo eterno” não o é na sua duração, mas nos seus efeitos. Judas fala na “pena do fogo eterno” que as cidades de Sodoma e Gomorra sofreram. Ele utiliza aqui a palavra *aiônios* associada ao “fogo”. No entanto, sabemos que Sodoma e Gomorra não continuam a arder. Elas arderam sem cessar enquanto houve matéria combustível. Depois, o “fogo eterno” apagou-se. O mesmo se passará no lago do fogo eterno. Os ímpios serão consumidos aí até às cinzas (Mal. 4:1-3). Eles serão totalmente aniquilados. Por isso João nos diz que o lago de fogo, onde serão lançados todos os que não têm o seu nome inscrito no livro da vida, é a “segunda morte” (Apocalipse 20:14 e 15). Isto significa que os ímpios serão totalmente destruídos. Pois como nos diz Paulo, “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23), pelo que os ímpios sofrerão a “destruição eterna” (*olethron aiônion*) como castigo pelos seus pecados (II Tesalonicenses 1:9).

Depois de declarada a sentença de condenação dos ímpios, Cristo apresenta então a falta de benevolência e de compaixão como sendo o seu fundamento. Os crimes dos ímpios, que os levaram à condenação, consistem na omissão de



obras de bondade e de compaixão. Eles viveram uma vida egoísta e sem amor pelo seu próximo. Viveram centrados em si. Colocados diante das necessidades dos desfavorecidos, eles não os alimentaram, não os hidrataram, não os abrigaram, não os vestiram, não os visitaram quando eles estiveram presos ou doentes. Ao procederem desta forma, deixaram de servir o próprio Cristo.

Perante a sentença de condenação, os ímpios, admirados e num tom de inocência ofendida, apresentam a sua defesa. Esta defesa é baseada na declaração de que eles não tiveram a oportunidade de servir o Filho do homem. Eles nunca viram o Rei em necessidade, de modo que pudessem ajudá-lo. Note-se que há uma certa sobrançeria na sua resposta, atitude muito diferente da humildade demonstrada pelos justos quando fizeram a mesma observação. Cristo, o justo Juiz, responde aos ímpios que, ao deixarem de auxiliar o seu próximo necessitado, eles deixaram de O servir, porque Cristo Se identifica com todos os seres humanos necessitados. Na verdade, os ímpios são condenados porque não aprenderam a importante lição de que o verdadeiro amor por Deus se revela no amor pelos seres humanos que sofrem (I João 4:20 e 21). Assim, os ímpios são punidos porque não aproveitaram as múltiplas oportunidades que tiveram para pôr em prática o amor, a generosidade, a bondade e a compaixão pelo seu próximo.

A Parábola do Juízo Final encerra com a declaração de que os ímpios irão para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna. Tal como Daniel já ensinava, Deus tem reservado para os justos o dom da “vida eterna” e para os ímpios o castigo da “vergonha eterna” (Daniel 12:2).

A lição moral e espiritual da Parábola

Qual é a lição moral e espiritual que podemos retirar da Parábola do Juízo Final? Vimos que a sentença lavrada por Cristo, Rei e Juiz, nesta parábola apoia-se nos Seus princípios éticos. Estes princípios éticos encontram-se condensados no Evangelho de Jesus e foram propostos por Ele ao longo do Seu ministério. Cristo indica como dever ético dos Seus discípulos a prática de todos os atos de compaixão e de benevolência que possam auxiliar aqueles que estão numa situação de necessidade. Os discípulos de Jesus devem procurar restabelecer – na medida em que lhes for possível – a justiça social de que o mundo carece, através dos seus atos beneficentes e humanitários. E devem fazê-lo porque o próprio Jesus Se identifica com qualquer ser humano necessitado. De facto, a justiça atribuída por Cristo aos “justos” é o resultado das ações benevolentes que eles realizaram ao serviço daqueles que necessitavam de auxílio. Assim, a benevolência e a empatia marcam o caminho que conduz ao “reino” messiânico e à “vida eterna”. Se queremos ser herdeiros do reino que Jesus irá fundar sobre a Terra, e se queremos usufruir da vida eterna que Ele tem para oferecer, devemos nortear a nossa vida presente pelos princípios basilares da ética de Jesus: a compaixão e a benevolência.

Conclusão

Durante um duro inverno na Londres do século XIX, um rapaziinho de dez anos, descalço, estava a espreitar através da montra de uma sapataria, enquanto tremia de frio. Entretanto, uma senhora aproximou-se do miúdo e perguntou-lhe o que estava a fazer. “Estava a pedir a Deus que me desse

um par de sapatos”, respondeu o rapaz. A senhora tomou-o pela mão e entrou com ele na sapataria. Ela pediu ao empregado que lhe vendesse seis pares de meias para o miúdo. Depois perguntou ao empregado se era possível que ele lhe trouxesse uma bacia com água e uma toalha. Ele rapidamente acedeu ao pedido da jovem senhora. Esta levou o rapaz para a parte mais afastada da sapataria, ajoelhou-se, lavou os seus pés e secou-os com a toalha. Entretanto, o empregado da loja trouxe as meias. A amável senhora calçou então os pés do miúdo com um par de meias e um par de sapatos novos, dando-lhe os outros pares de meias. Perante a expressão espantada do miúdo, ela fez-lhe uma festa no cabelo e disse-lhe: “Agora já te sentes mais confortável, não é?” Quando a senhora se preparava para sair da sapataria, o rapaziinho pegou-lhe na mão, olhou-a no rosto e, com lágrimas nos olhos, perguntou-lhe: “A senhora é a esposa de Deus?”

Tal como esta senhora inglesa soube aplicar os princípios basilares da ética de Jesus ao ministrar às necessidades da criança que necessitava de um par de sapatos, também nós somos chamados por Cristo a proceder do mesmo modo. Temos ao nosso redor pessoas que necessitam de auxílio e de atenção. Se queremos ser considerados “justos” por Jesus no dia do Juízo, devemos agir em conformidade com os princípios éticos do Evangelho. Teremos então a felicidade de ouvir a sentença dos lábios de Jesus: “Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado, desde a fundação do mundo” (Mateus 25:34). ♦

• Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

Febe

ERA ELA UMA LÍDER DA IGREJA PRIMITIVA?

De todos os pontos de vista, a Epístola aos Romanos é uma obra-prima da apologética cristã onde, de um modo brilhante e lógico, o apóstolo Paulo expõe a tese a favor da crença cristã sobre a salvação apenas através de Jesus Cristo. Esta crença foi um instrumento importante no surgimento da comunidade cristã, que foi chamada à existência apenas pelo gracioso amor de Deus. Embora estivesse claramente enraizada na ideia vetero-testamentária do “povo de Deus”, esta era uma nova comunidade e, como tal, ela desafiou as várias formas de discriminação racial, cultural, económica e de género que eram prevaletentes no Judaísmo do primeiro século e nas sociedades pagãs. Perto do fim da epístola, no capítulo 12, Paulo estabelece as regras fundamentais que deveriam reger o funcionamento desta nova comunidade. Aí nós descobrimos que o sacrifício próprio e a negação própria são elementos essenciais da vida cristã, que cada membro do corpo de Cristo deve funcionar segundo os dons

espirituais que lhe foram concedidos por Deus e, finalmente, que o amor *agapé* deve ser o valor cardinal na condução da vida da comunidade. Os capítulos 13-15 constroem-se sobre o fundamento estabelecido no capítulo 12 e, depois, o capítulo 16 conclui o livro de Romanos.

Neste capítulo final, Paulo efetua uma série de saudações dirigidas tanto a homens como a mulheres, os quais ele considera serem seus “coobreiros em Cristo Jesus” (Rom. 16:3; veja também Fil. 4:3).¹ Entre os muitos indivíduos referidos neste capítulo, Febe, a quem Paulo se refere como sendo “a nossa irmã”, recebe um reconhecimento especial (Rom. 16:1 e 2). O discurso de Paulo sobre Febe não apenas é o primeiro e o maior no capítulo 16, mas também as palavras e as alusões que ele usa para a descrever e ao seu ministério indiciam a estatura extraordinária que esta mulher tinha entre os primeiros Cristãos. Devido a estas razões, Febe tem fascinado escritores cristãos ao longo dos séculos, tendo a maioria destes escrito num

ambiente hostil ao ministério das mulheres. Orígenes (c. 184-253 d.C.) escreveu que “esta passagem ensina-nos duas coisas ao mesmo tempo: Como dissemos antes, as mulheres devem ser consideradas ministras na Igreja, e (...) devem ser recebidas no ministério”.² Cerca de um século mais tarde, João Crisóstomo (c. 347-407 d.C.) escreveu: “Pois como pode a mulher deixar de ser abençoada quando tem a bênção de um testemunho tão favorável de Paulo, e quando tinha também o poder de lhe prestar assistência, a ele que tinha corrigido todo o mundo?”³ No entanto, depois do quarto século da nossa era, afirmações como estas tornaram-se raras, à medida que a Igreja Cristã se encaminhava para um ministério eclesial dominado pelos homens.⁴

O papel de Febe no Cristianismo primitivo tem sido debatido acesamente ao longo dos séculos, variando amplamente as opiniões dos estudiosos: Desde os que sugerem que o ministério dela nada mais era do que o de uma auxiliar (ou patrona) da obra apostólica de Paulo até aos que lhe concedem



um papel ministerial significativo. Como vamos ver, este debate influenciou frequentemente as traduções bíblicas das palavras usadas por Paulo para descrever o ministério desta extraordinária mulher. Neste artigo, irei focar-me sobre três aspetos do ministério de Febe que emergem do texto de Romanos 16:1 e 2: (1) O seu ministério como *diakonos*; (2) o seu papel como portadora da Epístola aos Romanos; e, finalmente, (3) o seu papel como *prostatis*, palavra que se traduz literalmente como “aquela que está diante de”.

Febe como diaconisa?

Em Romanos 16:1 e 2, Paulo escreve o seguinte sobre Febe: “Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, que é servidora na igreja que está em Cenchreia, para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo.”

Tem havido muita discussão na literatura cristã no que toca à palavra “servidora”, que é uma tra-

dução da conhecida palavra grega *diakonos*, também traduzida pela palavra “diácono”. O conceito de “diácono” era familiar na sociedade do primeiro século, referindo-se primeiramente ao serviço no lar; e no Novo Testamento, por vezes o termo *diakonos* era usado em conjunção com outro termo grego, *doulos*, isto é, “escravo”.⁵ Interpretar a palavra *diakonos* a partir de uma perspetiva moderna frequentemente obscurece o facto de que, nos dias de Paulo, a posição do servo era considerada a mais baixa na sociedade. Os servos eram os criados e os lacaios daqueles dias. Assim, existe uma tensão entre a compreensão moderna e eclesiástica da palavra “diácono” e o significado da antiga palavra *diakonos*. No entanto, foi este termo (a par com a palavra *doulos*), com todas as suas conotações culturais, que Cristo adotou para descrever o Seu ministério (Marcos 10:45). Seguindo o exemplo de Jesus, Paulo usou as palavras *diakonos* e *doulos* para descrever o ministério de Cristo quando escreveu em Romanos 15:8: “Digo, pois, que Jesus Cris-

to foi ministro [*diakonos*] da circuncisão por causa da verdade de Deus” (veja também Fil. 2:7, onde Paulo se refere a Jesus como sendo *doulos*). Paulo usou repetidamente a mesma palavra para descrever o seu ministério e o ministério dos seus colaboradores (veja, e. g., II Cor. 3:6; 4:1; 6:4; 8:4).

Assim, julgamos extraordinário que, apenas algumas frases mais adiante, em Romanos 16:1, Paulo se refira a Febe como sendo *diakonos*, equivalendo a sua *diakonia* (ou serviço) à *diakonia* de Cristo e ao seu próprio ministério apostólico. Também é digno de nota o facto de que a palavra *diakonos* nesta passagem é usada na sua forma masculina, e não na forma feminina.⁶ Neste momento da história cristã o termo grego para “diaconisa” ainda não tinha sido inventado. A forma feminina *diakonissa* não apareceu senão a partir do século IV.⁷ Seja como for, o facto de Paulo chamar “diácono” a Febe parece tornar o seu ministério tão importante e tão válido como o ministério de outros líderes da Igreja Primitiva, tais como Tíquico (Efé. 6:21), Epáfras (Col. 1:7) e Timóteo (I Tim. 4:6). Se não fosse assim, por que razão usaria Paulo tal termo para se referir a uma mulher, criando deste modo um equívoco intencional?⁸

No entanto, deve-se ter em conta que, em contraste com Paulo, que funcionava como *diakonos* no seu serviço a toda a Igreja, a *diakonia* de Febe parece estar especificamente ligada à igreja local de Cenchreia. Sendo esta a única ocasião em que o Novo Testamento liga diretamente um tal serviço a uma igreja local, isto sugere – pelo menos a alguns comentadores – que Febe estava provavelmente envolvida em algum tipo de ministério reconhecido ou detinha uma posição de responsabi-

lidade na sua igreja local sediada numa casa particular.⁹ A tese que defende que Febe tinha uma tal função parece ser fortalecida pelo uso que Paulo faz de outra palavra grega – *ousa* (“é”) – que ocorre juntamente com o substantivo *diakonos*. A frase que indica que ela é “servidora” (*diakonos*) denota um tipo de posição de liderança. Assim, poder-se-ia afirmar que Febe foi provavelmente a primeira diaconisa de uma igreja local registada na história do Cristianismo.¹⁰ Sendo isto assim, a exortação de Paulo aos bispos e diáconos, encontrada em I Timóteo 3, aplicar-se-ia igualmente a Febe, como se aplicaria a qualquer outro líder de igreja do Cristianismo primitivo.¹¹

Febe como mensageira?

Cuidadosos estudos exegéticos, históricos e linguísticos levaram muitos comentadores a concluir que Febe foi, de facto, a pessoa que Paulo escolheu para entregar a sua epístola dirigida às igrejas romanas.¹² Embora aos nossos olhos modernos o texto pareça ser mais implícito do que explícito, as palavras de Paulo parecem ser uma recomendação em favor de um mensageiro escrita segundo os costumes do primeiro século.¹³ O propósito de tal recomendação era o de apresentar a mensageira às congregações em Roma. A carta de Paulo a Filémon apresenta um outro exemplo de uma recomendação semelhante, funcionado Onésimo como mensageiro.¹⁴ Se Febe foi, de facto, a portadora da Epístola aos Romanos, seria natural que Paulo a apresentasse e a recomendasse, porque ela era, como é evidente, desconhecida dos crentes em Roma. Sendo coobreira e emissária de Paulo, também é provável que Febe tenha lido a epístola às

congregações romanas e estivesse capacitada para comentar qualquer passo que pudesse não ser plenamente compreendido pelos ouvintes, provendo assim as clarificações necessárias. Adicionalmente, conhecendo bem Paulo, ela podia dar às igrejas de Roma informações sobre as necessidades pessoais e os planos de viagem do apóstolo.¹⁵ Tudo isto suscita uma questão: Por que razão Paulo tomaria a decisão tão questionável, culturalmente falando, de escolher uma mulher para ser a sua emissária? Provavelmente porque Febe tinha provado ser uma líder de igreja respeitada e fiável, a quem Paulo podia confiar a sua mensagem de salvação para o mundo gentio. Como comentou um académico: “Febe transportou nas dobras da sua veste todo o futuro da teologia cristã.”¹⁶

Febe como líder (*prostatis*)?

Romanos 16:2 fornece-nos mais uma importante informação sobre Febe que frequentemente tem tendência para passar despercebida na tradução. Neste texto Paulo designa Febe pelo termo *prostatis*, que significa, literalmente, “Aquele que está diante de”. A tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada apresenta o seguinte texto: “porque tem sido *protetora* [*prostatis*] de muitos e de mim inclusive.” Outras versões traduzem *prostatis* por “patrona”, “ajudadora”, ou até “boa amiga”. Mas também há versões que traduzem o termo por “líder”.

A disposição dos tradutores de traduzirem *prostatis* como “ajudadora” ou “patrona” deve-se à convicção generalizada de que Febe nada mais era do que uma mulher rica que apoiava financeiramente Paulo e outros obreiros missionários. Esta conclusão

parece ser sustentada pelo facto de que, na Antiguidade, existiam mulheres que, embora não pudessem exercer nenhum cargo público, ofereciam o seu patrocínio e o seu apoio financeiro a várias causas. Além do mais, a passagem termina com as palavras “de mim inclusive”. Segundo estes tradutores, se *prostatis* significasse mais do que ser uma “ajudadora”, então isso queria dizer que, por vezes, Paulo tinha permitido que outros exercessem o dom da liderança na sua presença e, possivelmente, que mesmo ele se tinha submetido à sua autoridade. Isto, segundo um raciocínio hierárquico, não seria possível, pois Paulo teria sempre na Igreja um estatuto superior ao de qualquer outro colaborador seu (mesmo em questões de direcção de uma igreja local), particularmente se essa pessoa fosse uma mulher.¹⁷

No entanto, este tipo de raciocínio não resolve o problema de se saber porque Paulo teria usado a palavra *prostatis* nesta descrição de Febe, se ele podia ter-lhe simplesmente chamado *boethos*, “auxiliadora” (Heb. 13:6), ou podia ter dito que ela era *sumballo polu*, “muito auxiliadora” (Atos 18:27). Talvez Febe fosse mais do que apenas uma mulher rica que desejava apoiar financeiramente o trabalho missionário. Para determinar a correção desta perspectiva sobre Febe, devemos ir até onde nos conduzem as evidências sobre o significado da palavra *prostatis*.

O melhor modo de começarmos consiste em ver como a mesma palavra é usada noutras passagens do Novo Testamento. Infelizmente, *prostatis* é um *hapax legomenon*, isto é, ocorre apenas uma vez como substantivo no Novo Testamento. Assim, para descobrirmos o significado de *prostatis*, devemos procurar para

além do Novo Testamento, em fontes como a *Septuaginta*, que era a Bíblia de Paulo,¹⁸ ou noutras antigas obras literárias gregas; devemos também ter em consideração outras palavras gregas usadas por Paulo nos seus escritos que pertencem à família semântica de *prostatis*.

A forma masculina de *prostatis* ocorre mais de uma vez na *Septuaginta*. I Crônicas 27:31 indica Jaziz, o agarita, como sendo um dos *prostates* ou “maiorais” da corte do rei David. A mesma palavra também é usada em I Crônicas 29:6, pois aí os *prostatai* (plural de *prostates*) eram os “capitães da obra do rei”. Do mesmo modo, II Crônicas 8:10 e 24:11 usa a palavra para designar “os chefes dos oficiais que o rei Salomão tinha”, que tinham a responsabilidade de gerir a mão de obra ou o dinheiro do rei. A tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada traduz assim II Crônicas 8:10: “Estes eram os principais oficiais que tinha o rei Salomão, duzentos e cinquenta, que presidiam sobre o povo.” Portanto, quando as palavras *prostatai* ou *prostates* são usadas na *Septuaginta*, elas significam algum tipo de função de liderança.

Prostates também aparece frequentemente na antiga literatura não bíblica. Para Aristóteles (348--322 a.C.), ela designava uma pessoa que estava diante de outras como um “líder democrático” ou como um “protetor do povo”.¹⁹ Provas históricas subsequentes testemunham da existência de pessoas especialmente escolhidas em muitas cidades gregas que agiam como defensoras dos cidadãos mais pobres. Estas pessoas tinham a seu cargo a proteção dos cidadãos contra os ataques dos principais magistrados que detinham o poder ou contra os ataques das classes ricas. Elas também defendiam os mais vulneráveis nos tribunais e agiam como guardiãs da paz e da liberdade constitucional.²⁰ *Prostates* também era um termo comum usado entre os Gregos para designar os presidentes de várias associações, seculares ou religiosas.²¹ O mesmo termo podia também ser aplicado aos defensores ou campeões de cidades gregas em tempos de crise ou de guerra.²² Por vezes, uma cidade inteira podia ser considerada *prostates* de outras cidades ou de uma região. Por exemplo, entre o sexto e o quarto séculos a. C., Esparta e Atenas lutaram pela po-

sição de cidade líder (*prostates*) na região.²³

Evidências de antigas inscrições indicam que, no Egito, e, eventualmente, em Roma, a palavra *prostates* já se tinha tornado numa palavra escolhida para designar a liderança da sinagoga entre os Judeus da diáspora antes do nascimento de Cristo. Deste modo, *prostates* funcionava como uma palavra equivalente à expressão hebraica *rosh ha-knesset* (“chefe da sinagoga”).²⁴ Evidências de inscrições antigas também indicam que, em Roma, a palavra *prostates* servia como um termo técnico para designar o líder ou o presidente da comunidade judaica.²⁵ Ora, podemos razoavelmente presumir que Paulo, sendo um judeu helenista e tendo crescido na diáspora, estava plenamente familiarizado com o conceito grego de *prostates* como campeão, defensor ou presidente de uma comunidade. Isto também significaria que, quando os líderes cristãos em Roma receberam Febe, eles estavam conscientes de que ela também era uma líder cristã.

No entanto, o argumento mais interessante que sugere que Febe podia ter sido muito mais do que apenas uma ajudadora vem dos



próprios escritos de Paulo. Enquanto *prostatis* como substantivo ocorre apenas uma vez no Novo Testamento, as suas outras formas semânticas, tais como *proistemi*, aparecem várias vezes. A primeira vez que *prostatis* aparece no Novo Testamento sob outra forma semântica é em Romanos 12:8, na lista dos dons do Espírito Santo apresentada por Paulo: “O que preside [*proistamenos*], [faça-o] com diligência.” Falando sobre os anciãos, Paulo encoraja os tessalonicenses para que “acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem [*proistamenous*] no Senhor” (1 Tes. 5:12). Mais importante, em 1 Timóteo 5:17, Paulo usa a forma verbal *de prostatis* quando escreve: “Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem [*proestotes presbuteroi*].”

Então, como é possível que a maioria das traduções dilua a importante palavra *prostatis* e veja Febe apenas como uma “ajudadora”? Porque não traduzir como a Versão Inglesa Contemporânea: “líder respeitada”? A resposta mais provável para explicar o comportamento da maioria dos tradutores é que, provavelmente, eles sentiram-se incomodados com a ideia de que uma mulher pudesse ter um papel de liderança ou de presidência na Igreja Cristã Primitiva. Nós cremos que é concebível que Febe possa ter sido uma líder importante entre os antigos Cristãos, alguém que liderou uma congregação em Cencreia e que fê-lo tão bem que Paulo permitia que ela conduzisse os assuntos da igreja na sua presença e lhe confiou a preciosa Epístola aos Romanos, para que ela a levasse aos Cristãos de Roma.

Assim, uma leitura cuidadosa de Romanos 16:1 e 2 oferece-nos uma

nova imagem desta extraordinária mulher, que parece ter sido uma íntima associada de Paulo na disseminação do Evangelho de Cristo; ela foi alguém que serviu como líder da sua igreja em Cencreia, alguém que, apesar de todos os perigos associados com as viagens nas estradas romanas, aceitou a tarefa de levar a mensagem da salvação à Igreja Romana. Ela foi alguém que foi reconhecida por Paulo e por outros crentes como uma líder cristã de pleno direito. ✨

• **Darius Jankiewicz**
Professor de Teologia na
Universidade de Andrews

1. Foram utilizadas as versões João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida e João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada.
2. Orígenes, *Commentary on the Epistle to the Romans*, bks 6-10 de *The Fathers of the Church*, trad. e ed. Thomas P. Scheck, Washington, DC: Catholic University of America Press, 2002, p. 291.
3. João Crisóstomo, “Homilies on Romans 30.2” in *The Homilies of S. John Chrysostom on the Epistle of St. Paul the Apostle to the Romans*, Oxford: John Henry Parker, 1841, p. 478.
4. Gerald Lewis Bray, ed., *Romans*, vol. 6 of *Ancient Commentary on Scripture, New Testament*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005, p. 355.
5. Embora as palavras *diakonos* e *doulos* possam ter sentidos diferentes na literatura grega, elas foram frequentemente usadas por Paulo e por Jesus como sinónimos. Veja, e.g., Mat. 20:25-28; 22:1-14; Mar. 10:43-45; Fil. 1:1; 1 Cor. 3:5. Em Col. 1:7 e 4:12, Epáfras é chamado *diakonos* e *doulos*, respetivamente. Cf. Murray J. Harris, *Slave of Christ: A New Testament Metaphor for Total Devotion to Christ*, Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001, p. 179. Para uma discussão minuciosa sobre as diferenças entre as palavras *diakonos* e *doulos*, veja Horst Balz e Gerhard Schneider, ed., *Exegetical Dictionary of the New Testament*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990, s. v. “*diakonos*”, “*doulos*”.
6. Este facto deveria ser suficiente para refutar o argumento tirado de 1 Tim. 3:2, 12, o qual se baseia na afirmação de Paulo de que os bispos e os *diáconos* deveriam ser “maridos de uma mulher” para defender que apenas homens podem ser bispos ou *diáconos*.
7. O termo técnico *diakonissa* apareceu pela primeira vez na literatura cristã no cânone 19 do Primeiro Concílio de Niceia. Não existem usos anteriores do termo que sejam conhecidos. Jerome D. Quinn e William C. Wacker, *The First and Second Letters to Timothy*, Eerdmans Critical Commentary, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000, p. 286.
8. Denis Fortin faz notar a inconsistência no modo como várias versões traduzem a palavra *diakonos* em referência a Febe. Enquanto a maioria dos tradutores não tem problemas em traduzir a palavra *diakonos* como “ministro” quando ela se aplica a Paulo ou a outros líderes da Igreja Primitiva, nenhuma tradução usa o termo “ministro” em referência a Febe. São apenas usadas as palavras *servidora*, *diácono* ou *diaconisa*. Fortin vê isto como o resultado de um “estranho

- preconceito contra as mulheres no ministério”. Denis Fortin, “Was Phoebe a Deacon, a Servant or a Minister?” *Memory, Meaning and Faith* (blog), April 5, 2010, <http://www.memorymeaningfaith.org/blog/2010/04/phoebe-deacon-servant-or-minister.html>.
9. James Dunn, *Romans* 9-16, vol. 38B do *Word Biblical Commentary*, Dallas, TX: Word Books Publisher, 1988, pp. 886 e 887; Kevin Giles, *Patterns of Ministry Among the First Christians*, Melbourne: Collins Dove, 1989, p. 56.
 10. Dunn, *Romans* 9-16, p. 887.
 11. Ao mesmo tempo, avisa James Dunn, seria anacrónico projetar na nossa leitura do Novo Testamento a nossa compreensão do episcopado ou do diaconato como cargos estabelecidos, “como se já se tivesse concordado nas igrejas Paulinas em atribuir-lhes um papel de responsabilidade e autoridade, com sucessão devidamente estabelecida”. *Ibidem*; Cf. Thomas R. Schreiner, *Romans*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament, Grand Rapids, MI: Baker Books, 1998, p. 787.
 12. A noção de que Febe era, de facto, a mensageira de Paulo tem sido fortemente sublinhada na literatura exegética contemporânea sobre a Epístola aos Romanos. Veja, e.g., *Ibidem*, p. 786.
 13. Para um estudo cuidadoso de passagens cristãs de recomendação e da sua comparação com exemplos não cristãos contemporâneos, veja Chan-Hie Kim, *Form and Structure of the Familiar Greek Letter of Recommendation*, Missoula, MT: University of Montana Press, 1972, pp. 50-60; veja também Harry Gamble, *The Textual History of the Letter to the Romans*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977, pp. 44, 84 e 85.
 14. Chan-Hie Kim, *Familiar Greek Letters of Recommendation*, pp. 120-134.
 15. Arland J. Hultgren, *Paul's Letters to the Romans: A Commentary*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2011, p. 569.
 16. Citado em Brenda Poinsett, *She Walked With Jesus: Stories of Christ Followers in the Bible*, Birmingham, AL: New Hope Publishers, 2004, p. 192.
 17. Embora o Novo Testamento indique que os primeiros apóstolos detinham uma autoridade especial no interior da comunidade de fé, isto não descarta a possibilidade de que, uma vez estabelecidas, as comunidades locais tivessem liberdade para se autogovernarem sem interferência externa.
 18. Calvin J. Roetzel, *The Letters of Paul: Conversations in Context*, 5th ed., Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2009, pp. 20-24.
 19. P. J. Rhodes, *A Commentary on the Aristotelian Athenaion Politeia*, Oxford: Clarendon Press, 1993, pp. 447, 97.
 20. Abel Hendy Jones Greenidge, *A Handbook of Greek Constitutional History*, London: Macmillan, 1896, pp. 188.
 21. Margaret H. Williams, “The Structure of Roman Jewry Reconsidered: Were the Synagogues of Ancient Rome Entirely Homogenous?” *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 104, 1994, p. 138; cf. Franz Poland, *Geschichte des griechischen Vereinswesens*, Leipzig: Zentral-Antiquariat der Deutschen Demokratischen Republik, 1967, pp. 363-367.
 22. Peter Liddel, “Democracy Ancient and Modern”, in *A Companion to Greek and Roman Political Thought*, ed. Ryan K. Balot, Oxford: Blackwell Publishing, 2009, p. 138.
 23. Kurt A. Raafaub, *The Discovery of Freedom in Ancient Greece*, Chicago, IL: University of Chicago Press, 2004, p. 169. Cf. Toru Yuge e Masaaki Doi, *Forms of Control and Subordination in Antiquity*, Leiden: E. J. Brill, 1988, p. 575.
 24. Joseph Mordziejewski, *The Jews of Egypt: From Rameses II to Emperor Hadrian*, Princeton: Princeton University Press, 1995, p. 96; cf. Erich S. Gruen, *Diaspora: Jews Amidst Greeks and Romans*, Cambridge: Harvard University Press, 2002, p. 115.
 25. Williams, “The Structure of Roman Jewry”, p. 138.



Não desespere!

Há muito tempo, na época dos barcos à vela, um navio afundou-se numa área deserta depois de ser apanhado por uma tempestade. Apenas sobreviveu um marinheiro, que conseguiu chegar a uma pequena ilha desabitada. No seu desespero, o naufrago orava todos os dias a Deus para que Ele lhe enviasse socorro e o libertasse daquela existência solitária. Todos os dias o marinheiro naufragado perscrutava o horizonte em busca de um navio que o socorresse, mas em vão. Por fim, ele acabou por construir uma pe-

quena cabana, onde armazenou algumas coisas que tinha salvo do navio naufragado. Um dia, ao regressar da sua busca diária por comida, o naufrago viu uma coluna de fumo. Ao aproximar-se, descobriu que a sua cabana estava a arder. Agora não apenas estava só, como nada tinha para o ajudar na sua luta pela sobrevivência. Quase subjugado pelo desespero, ele ficou deprimido e passou toda a noite sem dormir, pensando sobre qual seria o seu fim. Na manhã seguinte, levantou-se cedo e foi até ao mar. Ao chegar à praia viu, com espanto,

que estava ancorado um navio na baía da ilha e que um pequeno barco a remos se dirigia para lá. Quando o naufrago foi trazido à presença do comandante do navio, ele perguntou como é que o comandante tinha sabido que havia um naufrago naquela ilha. O comandante respondeu: “Ora, nós vimos o seu sinal de fumo ontem, mas, ao chegarmos perto da ilha, a maré vazava, pelo que tivemos de esperar até agora para o vir resgatar.” ✨

Retirado da revista *Guide*

BATISMO NA PÓVOA DE SANTO ADRIÃO

Ilídio Carvalho
Pastor da IASD de Póvoa de Santo Adrião

No dia 5 de maio, de manhã, realizou-se, integrada nas atividades deste belo dia de Sábado, na igreja da Póvoa de Santo Adrião, uma cerimónia cheia de grande significado. Na verdade, o que aconteceu foi que tivemos o grato prazer de ver descer às águas batismais, como fruto do trabalho levado a efeito pelo Instituto Bíblico de Ensino à Distância, um recluso do Estabelecimen-



to Prisional da Carregueira – Sintra. Esta preciosa alma para Cristo – de nome *Sulemane Chipa* – aproveitou uma saída precária consti-

tuída por alguns dias de “liberdade condicional” para realizar este solene propósito, ou seja, proferir um sonoro “sim” Àquele que, um

dia, por ele morreu na cruz do Calvário. Foi uma manhã inesquecível para a comunidade de crentes da Póvoa de Santo Adrião, na medida em que esta solene cerimónia serviu, igualmente, para reavivamento e confirmação dos votos de consagração e fidelidade ao Senhor anteriormente assumidos por esta. Damos graças ao Senhor não só por esta preciosa alma que se converteu, mas também, num futuro próximo, por outros que, nas mesmas circunstâncias, desejam, igualmente, engrassar o exército do Senhor, nosso Deus, nesta Terra. 🌿

BATISMOS EM PONTA DELGADA

Hernani Moura
Pastor da IASD de Ponta Delgada

Foi na manhã do sábado 14 de maio de 2016 que a Igreja Adventista do Sétimo Dia de Ponta Delgada teve a alegria de viver uma cerimónia batismal onde se entregaram ao Senhor a irmã Filomena Pavão e a

irmã Geralda Cabral. Cada uma delas com um percurso de vida diferente. Ao estudarem da Palavra de Deus, o Espírito de Santo conduziu-as para mais próximo do Salvador, tornando-as conscientes da necessidade de estabelecerem um relacionamento pessoal com o Senhor Jesus. A igreja de Ponta Delgada recebeu as duas irmãs com ale-



gria. A nossa oração é que o Senhor continue a abençoá-las nesta nova etapa da

vida e que Ele permita que possamos estar juntos na Pátria Celestial. 🌿

VISITA AO ORFANATO

Sara Quarta
Delegada da ADRA São Miguel

No passado domingo 17 de abril, a ADRA de São Miguel teve a alegria de servir a comunidade micalense numa tarde de atividades no orfanato do Lar de Solidariedade da Mãe de Deus, em Ponta Delgada. Foram 21 as crianças participantes, entre os três e os dezasseis

anos, bem como três monitoras. O tema da atividade foi “A alimentação” e incluiu músicas e histórias sobre uma alimentação saudável encenadas com fantoches. Foram realizadas diversas atividades, além da oferta de um exemplar da revista *Nosso Amiguinho* a cada criança. Pudemos oferecer às crianças um lanche, graças à generosidade de dois patrocinadores que apoia-

ram o projeto. As monitoras presentes partilharam da euforia das crianças por viverem estes agradáveis momentos. Para nós, foi comovente ver os seus rostos tão alegres, enquanto pintavam desenhos para colocarem na roda dos alimentos, ao mesmo tempo que cantavam as músicas apresentadas pelos fantoches. Queremos louvar Deus por ter-nos dado a alegria de fazer essas crianças felizes. Agradecemos à Publicadora SerVir pela preciosa colaboração e a toda



a equipa de voluntários da ADRA São Miguel pelo seu dedicado empenho. Que o nosso lema de vida passe também por fazer felizes os outros, pois “sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40). 🌿



ATIVIDADES DA IGREJA DO PORTO EM 2015

**Departamento de
Comunicação da IASD
do Porto**

Mais um ano passou na história da igreja do Porto. A nossa igreja completou no passado mês de março 110 anos de testemunho Adventista nesta cidade. Não vamos reportar aos leitores da *Revista Adventista* a nossa história neste longo período de tempo. Queremos tão-somente revelar o que de



mais importante aconteceu no ano de 2015, pois foi um ano rico em bênçãos e de muita atividade na vida da igreja.

Assim, na área de ação espiritual e evangelística, para além das reuniões e dos cultos regulares, salientamos as seguintes ações: O Fim de Semana de Reavivamento de 9 a 11 de janeiro. No dia 11, antes da última palestra, iniciámos o dia com um pequeno-almoço em família, promovido pelo Departamento de Saúde. Queremos também destacar a Semana de Oração JA, realizada em março, com uma presença média semanal de 40 jovens e irmãos (70 no fim de semana), sendo o orador convidado o Dr. Tiago Alves. Durante o ano tivemos duas cerimónias de Santa Ceia e três cerimónias batismais.

Semanalmente havia duas classes de formação

bíblica, uma para visitas e outra para jovens não batizados. E, nesta área de ação, concluímos o ano com a Campanha de Evangelização “Vida por Vidas”, realizada nos três últimos fins de semana de outubro.

Os jovens comemoraram a 7 de fevereiro o 42º aniversário do clube de Desbravadores. Participaram no Congresso Nacional de Jovens e no Encontro de Profissionais de Saúde (em Odivelas) de 1 a 5 de abril. Em 17 de maio, realizaram uma caminhada sob o mote “Anda Comigo”, que partiu da cidade de Espinho e terminou no Cais de Gaia, tendo contado com a colaboração do Departamento de Saúde da igreja. Nos meses de julho e agosto participaram nos Acampamentos Nacionais, segundo os respetivos escalões etários.

A ADRA Porto tem sabido aproveitar os voluntários locais para dar assistência aos mais carenciados, ajudando cerca de 25 famílias com alimentos e distribuindo mais de 200 peças de roupa mensalmente. Na saída mensal de apoio aos sem-abrigo confeciona e distribui cerca de 150 refeições. Para isto conta com as dadas voluntárias dos membros da igreja e com a recolha anual de alimentos doados pelos clientes nos supermercados aderentes, cujo valor calculado da recolha desses alimentos em 2015 foi cerca de 4500 Euros.

O Ministério da Mulher escolheu os seguintes motes para 2015: “Maior Relacionamento com Deus, melhorar os Relacionamentos entre as Mulheres.” Promoveu para esse fim a “Reunião de Oração

da Mulher” sempre com muita adesão das nossas irmãs, tendo algumas destas trazido os seus maridos e filhos. Este reunião especial acontecia na última sexta-feira de cada mês, sendo abordados vários temas. No final de cada reunião desenvolvia-se o projeto “Elos de Oração” (a oração diária em favor da “Amiga Secreta”). De facto, cada participante sabia por quem iria orar, mas só na reunião do mês seguinte é que cada uma ficava a saber quem tinha orado por si; então viviam-se momentos de verdadeira comunhão fraternal, com muita alegria, gratidão e algumas lágrimas. Fortaleceram-se assim laços de profunda amizade cristã, e, se mágoas havia, estas se dissiparam também.

Igualmente neste espírito de união e convívio salutar realizaram-se várias atividades sociais, tais como almoços em comunidade, um pequeno-almoço em conjunto no último dia da Semana de Oração JA, um passeio à Serra da Estrela promovido pelos jovens a 22 março, e também o tão desejado Retiro de Famílias em Sanxenxo, Espanha (de 29 a 31 maio), organizado pelo Departamento de Famílias.

Todas estas ações são importantes e necessárias para a vida espiritual de cada membro que faz parte da igreja, mas não devemos ignorar, nem nunca esquecer, que a razão primordial da igreja é levar almas a Cristo. Assim, fruto de toda esta ação conjunta, quer no ensino da Palavra de Deus, quer na envolvimento de todos na vida salutar da igreja, oito novas almas se entregaram a Cristo em

três lindas e emotivas cerimónias batismais. Eis os seus nomes: Aura Aníbal, Jessy Aníbal e Lurdes Ferreira, em 21 março. Laércio Dias e sua esposa, Ana Maria Dias, em 20 de junho. Ilziane Conceição, Gabriel Barbosa e Esmael Zafanias, em 25 outubro.

A vida de uma igreja é uma mescla de emoções: expectativas, frustrações, alegrias e tristezas!

Alegria, quando ganhamos almas para Cristo. Tristeza, quando falecem irmãos ou irmãs. E nesta mescla de emoções, mencionamos com tristeza os nossos queridos irmãos que, em 2015, deixaram de estar entre nós, por terem descido ao pó da terra, mas mantendo-se firmes e fiéis ao Senhor. Saudosamente lembramos os seus nomes e as datas do seu falecimento: Maria Dina Ferreira dos Santos, em 30/12/2014, batizada em 15/06/1974. Hermínio Augusto Cardoso Monteiro, em 29/01/2015, batizado em 18/07/1948. Maria Teresa Ramalho Costa, em 13/02/2015, batizada em 17/03/1968. Alzira da Silva, em 12/10/2015, batizada em 23/03/1969. Eram membros valorosos que desde longa data nos habituámos a ver sentados nos bancos da igreja, ativos e fiéis no testemunho da sua fé. Todos estes nossos irmãos deixam-nos um passado relevante de fidelidade à fé que abraçaram, tendo sempre revelado zelo na dedicação à igreja do Porto e na conquista de outras almas para Cristo. É nossa ardente esperança reencontrarmo-nos todos quando Jesus regressar. Preparemo-nos para esse glorioso dia. 🌿

BATISMOS EM SACAÇÃO

Eurico Vidro
Promotor Bíblico

É com muita alegria que damos a conhecer que, no dia 24 de abril, na igreja de Sacavém, uma família

inteira entregou-se a Jesus através do batismo. Trata-se da família do nosso irmão Ernesto, que já vinha assistindo à classe de visitas há quase três anos. Finalmente, ele, a esposa (Eugénia) e mais dois filhos

(Élber e Patrick) juntaram-se à Igreja do Senhor.

Neste dia também desceu às águas batismais uma jovem, a Cláudia, que iniciou o estudo da Palavra de Deus na Igreja de Corroios. Que o nome do Se-



nhor, nosso Criador e nosso Salvador, seja louvado! 🙌

CONFERÊNCIA PÚBLICA EM AVEIRO

Andrea Cordeiro
Dep. Min. Mulher e Família da IASD de Aveiro

Decorreu no auditório dos Bombeiros Velhos de Aveiro, no dia 7 de maio, uma Conferência Pública intitulada *Quebrando o Silêncio* no âmbito da prevenção da violência doméstica. Esta iniciativa, da responsabilidade dos Ministérios da Mulher e da Família da IASD de Aveiro, insere-se no plano de ação da igreja e visou proporcionar orientações e esclarecimentos

sobre a problemática da violência doméstica na perspetiva criminal/civil, psicológica e espiritual. Dirigida ao exterior e ao interior da igreja, esta atividade reuniu a presença de visitas e amigos, mas também de membros de igreja. Naquele espaço, pudemos contar com a colaboração do Comando Distrital da PSP de Aveiro, com a Psicóloga Cristina Silva e com a Pastora Maria da Luz Cordeiro. Esta foi uma oportunidade para refletirmos sobre uma problemática cada vez mais presente na nossa sociedade,



de, com um forte impacto pessoal e coletivo e que requer de todos uma atuação informada no esforço comum de ajudar as vítimas deste flagelo a encontrarem

a paz, segurança e felicidade que o Senhor nosso Deus quer dar ao ser humano. Foi uma excelente oportunidade de reflexão sobre o capítulo 13 de I Coríntios. 🙌

SOLIDARIEDADE NO PINHAL NOVO

Rogério Fernandes
Pastor da IASD de Pinhal Novo

As Sagradas Escrituras são claras e orientam-nos nesse sentido. O desafio é: “Aprendam a fazer o bem, procurem fazer o que é justo, ajudem os oprimidos, protejam os órfãos e defendam os direitos das viúvas” (Isaías 1:17). Foi com esse espírito e graças à iniciativa da Ana Sofia, jovem recém-batizada, que a igreja de Pinhal Novo se mobilizou no dia 23 de abril e chegou à “Casa Sol”, uma instituição que acolhe crianças e jovens vítimas de uma doença herdada por má conduta dos seus pais. Esta instituição acolhe neste momento

14 crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 10 e 19 anos. As carências são muitas e tudo aquilo que foi possível levar (alimentos, produtos de higiene, medicamentos, material escolar) certamente será muito bem utilizado. Foi igualmente possível deixar vários livros *Enfrentar a Dor* e uma Bíblia para uso da instituição. De

início não foi fácil vencer a timidez própria de quem, no olhar, deseja muito receber um sorriso e um abraço, pois deste grupo de 14 crianças e jovens só duas recebem a visita dos seus progenitores. As carências não são só materiais mas, acima de tudo, afetivas. Existem igualmente duas jovens com paralisia cerebral que necessitam de

cuidados muito específicos. A igreja composta de adultos e jovens passou a tarde nesta instituição, cantando, partilhando histórias bíblicas e um lanche. Foram criados laços de amizade e o desejo de que voltássemos foi repetidamente expresso. Foi uma experiência gratificante e vamos certamente voltar, porque a experiência cristã é uma permuta gloriosa de dar e receber. E todos os membros da igreja, ao passarem as portas da “Casa Sol”, podem ouvir na sua consciência as palavras de Jesus: “Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40). 🙌





TRABALHO SOCIAL REALIZADO NO ACRE CENTRO

Luís Ferreira
Pastor

Levar a palavra de Deus numa linguagem perceptível e aceitável pelas pessoas à nossa volta é um desafio! Por vezes, parece difícil deixar um impacto que expresse o amor de Deus por cada ser. Como pode uma igreja ou um evento tornar-se relevante para os que nos envolvem? Com esse objetivo em mente, e desafiados pelo mote do nosso plano estratégico

(“Viver mais a Missão”), a equipa de evangelismo da CRC uniu-se para procurar fazer a diferença durante o acampamento regional. Entre rolos, tintas e pincéis, com a ajuda de um grupo multigeracional caracterizado por um desejo profundo de cumprir a missão de Deus, efetuámos a restauração de um apartamento no Fundão, que servirá de refúgio para as vítimas de violência doméstica. Pudemos também contar com a colaboração do coro e da orquestra da Sertá



que realizou um concerto solidário, para, através do gabinete social, ajudar as famílias carentes do Fundão. Gostaríamos de deixar um “muito obrigado” pelo

trabalho efetuado a todos quantos se envolveram e colaboraram nesta iniciativa, recordando sempre que aquilo que fazemos no nome do Senhor não é em vão! 

NOTÍCIAS DE ESPINHO

Manuela Fernandes
Dir. Min. da Criança da IASD de Espinho

“Os filhos são um presente do Senhor, eles são uma verdadeira bênção” (Salmo 127:3).

A igreja de Espinho acompanhou em particular durante todo o ano de 2015, com expectativa e entusiasmo, a vida de dez famílias na nossa comunidade de fé,

pois todas elas tinham em comum a bênção da vinda de um bebé. Foi uma situação inesperada e todos fomos acompanhando em espírito de oração, de modo que cada um desses bebés viesse ao mundo saudável para nossa alegria e para honra do nosso bom Deus. Agora que todos já nasceram, foi com imensa gratidão que os vimos já participar numa primeira atividade oficial na igreja: o 13º Sábado da Escola Sabatina



Infantil. Estamos todos felizes e animados, antevendo já uma sequência de cerimónias e atividades nas quais, pela graça de Deus, poderão participar, como, por exemplo, a Classe de Rebentos. Acreditamos que estes dez amiguinhos seguirão sem-

pre juntos na caminhada cristã. Que no seu lar eles possam ser ensinados nos caminhos de Jesus e que, um dia, cada uma destas famílias possa dizer perante o Senhor: “Aqui estou eu com os filhos que o Senhor me deu” (Isaías 8:18). 

DESCANSOU NO SENHOR

Departamento de Comunicação da Igreja do Porto

Queremos relembrar aqui, brevemente, a história do decano da Igreja do Porto, o saudoso irmão **Hermínio Augusto Cardoso Monteiro**, casado com a nossa irmã Celeste Monteiro, pai de Joel Monteiro e Cristina Monteiro. Ele deixou à sua família, constituída

da ainda por nora, genro e netos, o precioso legado de fé, estando cada um participando na mesma caminhada espiritual e na conquista de almas através das diversas responsabilidades assumidas nas suas respetivas igrejas.

Hermínio Monteiro faleceu dias depois de completar 85 anos. Toda a sua vida foi orientada pela fé que abraçou. Veio de uma família evangélica convertida à fé Adventista. Batizado na igreja do Porto aos 18 anos, pelo Pastor Manuel Viegas, cedo foi assumindo

cargos que a igreja lhe atribuía, os quais desempenhava com entusiasmo e zelo, contagiando todos com a sua simpatia. Era um comunicador nato, crente convicto e fervoroso na Palavra de Deus. Foi secretário da igreja, Diretor dos Jovens, Diretor da Escola Sabatina e cedo foi consagrado Ancião da igreja. Quando pregava ou orava, realizava-o com natural fervor, fazendo com que toda a assembleia fosse como que transportada espiritualmente para junto do trono de Deus. Sendo ban-

cário de profissão, teve que passar fortes tribulações por causa da sua fé, nomeadamente devido à observância do Sábado. No entanto, sempre pôs tudo nas mãos de Deus. Testemunhava ele que num desses momentos, prestes a ser despedido pelos seus chefes imediatos, recolheu-se num pequeno aposento no seu local de trabalho e em oração ao Senhor pediu a Sua ajuda. Surpreendentemente veio uma contra-ordem superior que anulou o possível despedimento, dado que a fidelida-

de, a competência e a honestidade que este funcionário havia demonstrado eram consideradas indispensáveis para aquele serviço.

Quando se aposentou, uma instituição de formação de bancários convidou-o para ser instrutor-formador, lugar que desempenhou durante alguns anos. No entanto, ele sentia o apelo

interior de dedicar o tempo da sua aposentação ao serviço da Igreja. Devido a este desejo, aceitou o desafio de ir para São Tomé e Príncipe, apesar das condições serem desfavoravelmente contrastantes: A idade, a falta de conforto material, tudo era desfavorável para realizar uma tal aventura, mas pela fé avançou. Ali abriu o pri-

meiro escritório da ADRA, desenvolvendo durante alguns anos, com a sua esposa, um trabalho humanitário junto das populações e sendo muito reconhecido pelos dirigentes locais. O serviço humanitário que deixou implantado em São Tomé continua ainda hoje ativo naquele país. Regressado a Portugal, veio assu-

mir o cargo de administrador da obra do LAPI Norte.

Nestes últimos anos continuou ao serviço da sua querida igreja do Porto, fazendo parte do corpo de anciãos. Era o decano, muito estimado e sempre ativo nesta igreja. Que a sua vida e obra sejam para todos nós motivos de inspiração para uma vivência mais plena com Cristo. ✨

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS



MEGA-CLÍNICA EM LOS ANGELES PRESTA SERVIÇOS MÉDICOS NO VALOR DE 38 MILHÕES DE DÓLARES

ANN/RA

Uma mega-clínica realizada de 27 a 29 de abril na cidade norte-americana de Los Angeles prestou cuidados de saúde a 8538 pacientes, tendo sido realizados 18 957 atos médicos no valor de 38 milhões de dólares. Segundo os organizadores do evento: “Graças ao espírito de sacrifício dos voluntários e à bênção de Deus, este

evento médico foi um assinalável sucesso. Milhares de pessoas foram ajudadas e milhões ficaram a saber o que significa, na prática, o Evangelho de Cristo.” Cerca de 2500 médicos estiveram entre os 4000 voluntários que participaram no evento. Entre os atos médicos destacaram-se 1583 pequenas cirurgias, 320 cirurgias ginecológicas e 38 grandes cirurgias. Estas últimas foram realizadas no Hospital

Adventista White Memorial e no Hospital Adventista de Glendale. Esta mega-clínica foi a maior organizada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos da América. É também de referir que este evento usufruiu de 1,7 milhões de dólares em publicidade mediática gratuita. De facto, o evento foi coberto pela imprensa e pela televisão, tanto a nível estadual, como a nível nacional. Segundo a orga-

nização, “a enorme publicidade feita pelos órgãos de comunicação terá atingido uma audiência combinada de cerca de oito milhões de pessoas, tendo sido uma oportunidade para mostrar o trabalho da Igreja Adventista do Sétimo Dia em favor dos mais desfavorecidos”. A próxima mega-clínica está agendada para decorrer de 13 a 17 de julho em Berkeley, no Estado norte-americano da Virgínia. ✨

TED WILSON COLOCA A PRIMEIRA PEDRA DA FACULDADE DE MEDICINA ADVENTISTA DO RUANDA

ANN/RA

Ted N. C. Wilson, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, colocou a primeira pedra de uma nova Faculdade de Medicina no Ruanda. Wilson deu assim início à construção de um novo complexo no Campus de Masoro da Universidade Adventista da África Central em Kigali, a capital do Ruanda. Este

novo complexo está avaliado em seis milhões de dólares. A primeira fase da Faculdade de Medicina, que inclui a construção de dormitórios masculinos e femininos, de uma cafetaria e de uma casa de hóspedes, deverá terminar em setembro de 2017. As aulas serão lecionadas num centro de ciência que já foi inaugurado em 2015. A nova Faculdade de Medicina no Ruanda terá o apoio técnico da Universidade de

Loma Linda e representará um contributo assinalável para o desenvolvimento dos hospitais e clínicas Adventistas espalhados por África. Espera-se que a Faculdade de Medicina da Universidade Adventista da África Central venha a formar 450 estudantes por ano. No futuro, pretende-se também construir um laboratório de anatomia e um Hospital Universitário, sendo necessário um investimento de

trinta milhões de dólares. Papias Musafiri, Ministro da Educação do Ruanda, expressou a sua satisfação pela fundação da nova Faculdade de Medicina, pois ela contribuirá notoriamente para o desenvolvimento do país. A Faculdade de Medicina da Universidade Adventista da África Central será a sétima escola médica a ser fundada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia ao redor do mundo. ✨

Um vislumbre *de luz*

ELE IRÁ CONDUZI-LO ATRAVÉS DAS SUAS PIORES TEMPESTADES

.....

Em janeiro de 1980, eu estava a estudar na Universidade de Walla Walla, no Estado de Washington, nos Estados Unidos da América. As férias de Natal tinham terminado. Eu tinha feito uma visita à família no Minnesota e queria poupar o dinheiro que gastaria na viagem de regresso. Assim, consegui uma boleia aérea com outro aluno da Universidade que era dono de um avião mono-motor de dois lugares.

Estava uma manhã gelada e o ar estava tranquilo quando embarcámos no avião. Eu nada sabia sobre conduzir aviões, mas o meu amigo aumentou a rotação do motor e lançou-se na pista. Em breve estávamos a planar sobre campos cobertos de neve. A nossa rota era bastante simples. Iríamos seguir a Autoestrada 90, atravessando o Montana, até atingirmos a cidade de Butte; depois, voaríamos sobre as montanhas até chegarmos a Walla Walla.

Parávamos ocasionalmente para reabastecer o depósito com combustível e o meu amigo verificava sempre a condição atmosférica que estava à nossa frente. Em Butte ele telefonou para as informações meteorológicas para ouvir a previsão do tempo. Depois de desligar, disse-me que iríamos enfrentar um vento frontal mais forte. “Vamos voar sobre a Cordilheira de Bitterroot, e depois passamos por cima das Montanhas Azuis e prosseguimos até Walla



Walla, aonde chegaremos antes do anoitecer. Tudo vai correr bem.” A voz dele pareceu-me um pouco insegura.

O meu amigo era um piloto recentemente encartado. Ele não estava habilitado para voar de noite ou num céu com nuvens. Se fôssemos apanhados numa dessas circunstâncias, ficaríamos em apuros. Mas nós éramos jovens e estávamos ansiosos por regressar à Universidade, pelo que decidimos avançar.

À medida que voávamos para longe de Butte e começávamos a planar sobre as Montanhas Rochosas, já não seguíamos a pequena fita cinzenta da autoestrada. Esta virava para noroeste, e nós tínhamos de ir para oeste. Sem GPS, o meu amigo sacou de um mapa de papel e começou a dirigir a nossa rota identificando os cumes das montanhas e seguindo a bússola. Após algum tempo, ele passou-me o mapa e nós comemos sanduíches e falámos sobre a vida na Universidade.

Infelizmente, quando voltámos a olhar para o mapa para verificar a nossa localização, os cumes das montanhas não se ajustavam à informação que tínhamos. O meu amigo tentou dirigir o avião em direção ao que ele pensava ser um sinal de rádio que informava sobre o tempo em Walla Walla. Dirigir o avião em direção ao sinal, explicou ele, iria aumentar a sua potência e servir-nos-ia de meio de orientação. Eu notei o medo na cara do meu amigo. Ele estava taciturno e continuava a estudar o mapa e o terreno. Quanto mais voávamos, mais taciturno ele ficava.

Estava a escurecer e o meu amigo disse brandamente: “Estamos perdidos.” Ele disse que as montanhas por baixo de nós eram muito



mais altas e escarpadas do que as Montanhas Azuis. Nós não tínhamos equipamento para voo noturno no avião. Devido ao frio, podia formar-se gelo nas asas, o que impediria o avião de voar. Finalmente, ele disse que o depósito de combustível estava a ficar vazio!

Chegado a este ponto, eu comecei a orar como nunca tinha orado em toda a minha vida. Eu tinha medo de que nos despenhássemos e morrêssemos. À medida que o avião roncava pelo céu, eu clamei ao Senhor, pedindo-Lhe que nos salvasse!

Já alguma vez estive numa situação de risco de vida como esta? É precisamente nestas crises que ficamos dispostos a aprender como Deus está perto de nós.

Cai a escuridão

Os discípulos de Jesus estavam também em apuros. Jesus tinha acabado de alimentar uma multidão de pessoas com apenas cinco pães e dois peixes (Mat. 14:17-21). Milhares tinham testemunhado o

milagre. Eles estavam prontos para coroar Cristo como rei. Os discípulos foram surpreendidos pelas circunstâncias. Mas Jesus despediu a multidão e disse aos Seus discípulos para levarem o barco para o outro lado do lago (Mat. 14:22).

Eu imagino que os discípulos não saltaram para o barco e começaram a remar. Eles provavelmente ficaram por ali, esperando que o seu Mestre Se juntasse a eles. Mas, finalmente, dado que se fazia tarde, acabaram por navegar a coberto da noite. Estavam descontentes com Cristo. Murmuravam entre si que O deviam ter coroado como rei. À medida que a escuridão se instalava, as suas queixas levaram-nos para águas conturbadas.

A tempestade

Uma violenta tempestade varreu o Mar da Galileia. Os discípulos não estavam prontos para ela. O dia perfeito rapidamente se transformou num pesadelo. A viagem através do lago deveria



ter demorado apenas um par de horas, mas a tempestade levou-os para longe de terra firme (Mat. 14:24). Eles labutaram duramente durante horas. Ondas esmagadoras, relâmpagos ofuscantes e trovões ensurdecadores abateram-se sobre estes experientes pescadores. Finalmente, eles desistiram. Estavam perdidos – e desamparados. Precisavam de um Salvador.

Um vislumbre de luz

Os olhos atentos de Jesus nunca perderam de vista os Seus discípulos. Ele podia vê-los a debaterem-se com a tempestade. Enquanto eles gritavam de medo, o Mestre estava a caminho (Mat. 14:25 e 26). Uma estranha figura caminhou em direção a eles sobre a água. Eles não sabiam que era Jesus, precisamente a Pessoa que ansiavam ver. Um clarão de luz revelou a Sua fisionomia familiar. Eles deslocaram-se da popa do barco para a proa, em direção a Ele, gritando: “Por favor, ajuda-nos!” Jesus estava pronto. “Tende bom ânimo, sou eu, não temais” (Mat. 14:27).

Saindo do barco

Pedro ofereceu-se para ir até Jesus – sobre a água (Mat. 14:28). Feliz por ver o seu Senhor, ele deu um tremendo passo de fé. Com os olhos fixos no Mestre, Pedro caminhou em direção a Jesus. Depois ele cometeu um erro quase fatal. Satisfeito consigo mesmo, voltou-se para os outros discípulos, como que dizendo: “Olhem para mim! Estou a andar sobre a água!” Mas quando ele se virou para olhar para os discípulos, desviou o olhar da Luz.¹

Subitamente, ele perdeu Jesus de vista e começou a afundar. Rapidamente o orgulhoso discípulo gritou: “Senhor, salva-me!” (Mat. 14:30.) Instantaneamente Cris-

to estendeu o braço e agarrou as mãos estendidas de Pedro. Jesus sabia que Pedro era cego no que tocava a ver as suas fraquezas. Precisamente naquela área da vida que Pedro pensava ser mais forte, Cristo revelou quão fraco ele realmente era. Pedro confiava de mais em si mesmo. Ele precisava de aprender que apenas podia atravessar tempestades, caso desconfiasse completamente de si e se apoiasse apenas em Cristo.

Quando Jesus e Pedro subiram para o barco, a tempestade acalmou. Na calma que se seguiu, os discípulos prostraram-se e adoraram Jesus – “És verdadeiramente o Filho de Deus” (Mat. 14:33).

Outro vislumbre de luz

Enquanto voávamos sobre a Cordilheira de Bitterroot numa noite escura há 32 anos, eu estava a atravessar a minha tempestade pessoal. O meu amigo e eu voámos através da noite em silêncio. Estávamos ambos em profunda meditação. Eu continuei a orar e interrogava-me quando é que o motor do avião começaria a falhar e a engasgar-se, até finalmente parar.

As trevas rodeavam-nos. Ao olhar pela janela vi estrelas que piscavam por toda a parte. Lá em baixo raramente víamos luzes; apenas algumas pequenas casas afastadas no que parecia ser uma área deserta e remota. Não havia lugar naquelas montanhas onde pudéssemos aterrar.

Subitamente, vimos um vislumbre de luz à distância. Era uma luz fraca e distante. Ao perscrutarmos a escuridão que estava diante de nós, ela parecia ser um fino dedo de luz que apontava para cima e fazia movimentos circulares. Eu pude ouvir o meu sorridente amigo no escuro dizer duas palavras: “Um aeroporto.”

Ele orientou o avião diretamente para a luz. Depois de voar circularmente sobre o aeroporto, ele aterrou numa pista cheia de neve. Eu estava extasiado por sair do avião e queria mesmo beijar o solo! Enquanto o meu amigo piloto olhava para uma acumulação de gelo nas asas, eu perguntei-lhe: “Onde estamos?”

Eram cerca de 22:00 horas e o pequeno edifício no fim da pista estava envolto na escuridão. Uma placa de madeira pendurada num dos seus lados respondeu à minha pergunta: “Bem-vindos a McCall, Idaho!” Estávamos desviados várias horas para sul do nosso destino. Era evidente que o meu amigo tinha orientado o avião na direção de um sinal errado, desviando-nos da rota correta. Sem o percebermos, ele tinha-nos feito voar sobre algumas das áreas desertas mais remotas dos Estados Unidos. Mas estávamos vivos! Ficámos com o Pastor local e com a sua família um par de dias, e, quando o tempo ficou melhor, fizemos a viagem de volta à Faculdade.

Procure a luz

Quando passa por tempestades na vida, um vislumbre de luz pode dar-lhe esperança e direção. Se o seu casamento está a desmoronar-se ou se as suas finanças estão um caos, procure a Luz. Tal como os discípulos, nós podemos não reconhecer imediatamente Cristo na tempestade. Mas Jesus está lá para nos conduzir em segurança até ao lar. Ao enfrentarmos as incertezas da vida, há esperança. Eu consigo ver um vislumbre de luz no horizonte. Consegue vê-lo? ❧

• **Curtis Rittenour**
Pastor

1. Veja Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, pp. 316 e 317.

Quem faz a escolha?

A PERSPETIVA DAS ESCRITURAS SOBRE A PREDESTINAÇÃO

.....

Gostaria de descobrir que Deus não o escolheu para ser salvo, não o ajudará como ajuda os escolhidos e irá condená-lo à morte eterna? Por outras

palavras, você nunca teve a possibilidade de escolher. Deus escolheu rejeitá-lo. Você nasceu para viver para sempre em angústia e dor. Este é o Deus de milhões de Cristãos que acreditam na dupla pre-

destinação. Ao pensar neste decreto, Martinho Lutero desejou nunca ter nascido;¹ e João Calvino disse que este decreto era “terrível”.²

A passagem fundamental para os defensores da predestinação é



Romanos 9. Esta passagem diz o seguinte: “Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama), foi-lhe dito a ela [Rebeca]: o maior servirá o menor. Como está escrito: Amei Jacob e aborreci Esaú” (Romanos 9:11-13). Deus fez a escolha. Os seres humanos não contribuíram em nada para tal escolha. O Deus da teoria da predestinação não respeita a liberdade humana de escolher.

No entanto, o Deus bíblico da aliança com Abraão (Gênesis 12:2 e 3; 18:18; Gálatas 3:8), Isaque (Gênesis 22:18) e Jacob (Gênesis 26:4 e 5) prometeu que *todas as nações* seriam benditas através dos seus descendentes, incluindo a nação de Edom, constituída pelos descendentes de Esaú (Gênesis 36:43).

Não há qualquer razão bíblica para que as bênçãos conferidas a uma nação fossem diferentes das bênçãos oferecidas a todas as nações. Isto faz sentido quando consideramos o plano universal de salvação de Deus. Deus escolheu uma mulher, Maria, para que Cristo pudesse tornar-Se no Salvador de todo o mundo. Pois “ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas, também, pelos de *tudo o mundo*” (I João 2:2).

A razão por que Deus odiou Esaú não se deveu ao facto de Ele o ter escolhido para se perder, mas porque Ele soube antecipadamente que Esaú iria desprezar a sua primogenitura (Gênesis 25:31-34), iria casar com mulheres de Canaã que não eram crentes no Deus vivo, iria acalantar o ódio contra Jacob e planearia matá-lo (Gênesis 27:41; 32:6 e 7). Deus também sabia que o país dos descendentes

A RAZÃO POR QUE DEUS ODIOU ESAÚ NÃO SE DEVEU AO FACTO DE ELE O TER ESCOLHIDO PARA SE PERDER, MAS PORQUE ELE SOUBE ANTECIPADAMENTE QUE ESAÚ IRIA DESPREZAR A SUA PRIMOGENITURA.

de Esaú iria ser chamado “Terra da impiedade” (Malaquias 1:4).

Esaú odiou Jacob e odiou Deus em resultado de uma escolha própria e não devido a uma escolha prévia do próprio Deus. Jacob escolheu seguir Deus; Esaú escolheu revoltar-se contra Deus. Deus permitiu que Esaú O rejeitasse e permitiu também que ele colhesse os resultados da sua escolha; pois os seres humanos colhem aquilo que semeiam (Gálatas 6:7). Foi assim que o pecado foi introduzido no Universo – pela livre escolha de Satanás e dos seus anjos no Céu (Isaías 14:12-14; Ezequiel 28:14-16; Apocalipse 12:7 e 8) e de Adão e Eva no Éden (Gênesis 3:1-6). Deus não é parcial (Romanos 2:11; I Pedro 1:17), pois a parcialidade é um pecado (Tiago 2:9). Deus concede a todos os seres criados inteligentes a liberdade de escolha. Se Deus fosse parcial e arbitrário, não seria legítimo o Grande Conflito, que questiona precisamente o Seu amor e a Sua justiça?

O oleiro

Uma doutrina bíblica nunca deve ser baseada apenas num texto ou numa passagem. O oleiro de Romanos 9 é o principal ponto

focal para os defensores da predestinação, passando por alto os oleiros de Isaías 45 e Jeremias 18, que merecem igual consideração porque são as passagens que inspiraram a passagem de Romanos 9. Por outras palavras, as passagens citadas de Isaías e de Jeremias são o horizonte intertextual inspirado para a passagem sobre o oleiro de Romanos 9. Assim, elas proporcionam-nos uma orientação divina para se interpretar a ilustração do oleiro de Romanos 9.

Isaías 45 descreve o Deus Criador como sendo um oleiro trabalhando o barro e pergunta: “Porventura dirá o barro ao que o formou: Que fazes?” (V. 9.) Esta afirmação não pretende transmitir a imagem de um Soberano arbitrário, pois Deus também lança o convite: “Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro” (v. 22). Pelo contrário, estas palavras ensinam a doutrina da eleição condicional na História.

Em Jeremias 18:2-10, o profeta observa um oleiro que não está a fazer um vaso (para a eleição ou para a reprovação). Em vez disso, o oleiro está a trabalhar com um vaso danificado, tentando remodelá-lo. Deus queria que o desencaminhado Israel soubesse que Ele pode remodelá-lo na História (e não predestiná-lo antes da História). Note as condições: Se uma nação ímpia se desviar do mal, Deus não trará sobre ela o mal que Ele planeou (v. 8). Se uma nação faz o mal, então Deus planeia puni-la (v. 10). Deus estava a dizer a Judá, “convertei-vos, pois, agora, cada um do seu mau caminho, e melhorai os vossos caminhos e as vossas ações” (v. 11). Mas eles não se converteram. Deus diz: “Contudo o meu povo

se tem esquecido de mim, queimando incenso à vaidade” (v. 15). Israel e Judá foram levados em cativeiro. Perderam a sua eleição para a missão (Atos 13:46).

Existe uma distinção entre a eleição para a missão e a eleição para a salvação. Romanos 9 descreve a eleição coletiva de Israel para a missão, não a eleição pessoal de Jacob para a salvação e a reprovação pessoal de Esaú para a perdição. É por isso que Romanos 9:21 pergunta: “Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para, da mesma massa, fazer um vaso para honra e outro para desonra?” Jacob (ou Israel) teve um propósito nobre, uma missão em favor do mundo.

Os defensores da predestinação e o conflito com as Escrituras

Os defensores da predestinação afirmam que Cristo não morreu por todos os seres humanos. Eles argumentam o seguinte: “Se Cristo reconciliou todas as pessoas com Deus, mas o Espírito Santo não concede fé a todos, a obra do Espírito está em oposição

à obra de Cristo. Não implicaria isto uma tensão ou um conflito no seio do Deus triúno?”³ A resposta a esta pergunta é “não!”, porque Cristo morreu por todos (João 3:16; I João 2:2) e o Espírito Santo será derramado “sobre todas as pessoas” (Atos 2:17; cf. “todas as pessoas” em Joel 2:28-32). Além disso, Ele vem para “convencer o mundo” do pecado (João 16:8), pelo que há uma perfeita harmonia entre a missão global de Cristo e a do Espírito Santo.

Os defensores da predestinação estão em conflito com as Escrituras. Eles afirmam que o decreto de Deus (de eleição ou de reprovação) é incondicional, secreto e desconhecido dos seres humanos.⁴ Mas, na verdade, Deus revela-Se na História como sendo amor (I João 4:8-16) e a Sua aliança é condicional (Deuteronômio 28).

A mundividência bíblica

Temos de penetrar mais fundo nesta questão sobre o alegado segredo de Deus. Se Deus rejeita a maioria dos seres humanos e os envia para um inferno eterno, isto é claramente injusto. Até seres

humanos caídos podem ver como isto é injusto. De nada serve responder: “Deve ser justo, pois Deus é justo.” Mas esta resposta não elimina a contradição, apenas pressupõe o que tem de ser demonstrado. Também de nada serve insistir que “os seres humanos não devem questionar Deus, porque Ele é Deus”. Esta resposta ignora a existência do grande conflito cósmico movido por Satanás que põe Deus em questão (Gênesis 3:1-6) e que O combate (Apocalipse 13:3-5, 9-13, 17), mentindo (João 8:44) e acusando-O de ser o contrário do que Ele realmente é: Não um Deus de amor (I João 4:8-16), mas um Deus sem amor e injusto. O triste facto é que o Deus apresentado pela teoria da predestinação valida estas acusações. Ora, isto é algo muito sério. Porque se a acusação contra Deus não puder ser respondida, nunca haverá uma resolução para o Grande Conflito.

O Deus da teoria da predestinação é um soberano absoluto, o que não transmite a essência de amor do Deus bíblico. Este é outro “conflito no seio de Deus” resultante da teoria da predestinação. Por

O **CALVÁRIO** FOI ONDE
SE **REALIZOU** A MAIOR
BATALHA DO GRANDE
CONFLITO.





causa do Grande Conflito, é uma das prerrogativas dos seres humanos compreender, pelo menos, que Deus não é como Satanás. O acusa de ser: Sem amor e injusto. Cristo disse que veio para revelar o Pai (João 14:9), e não existe qualquer exemplo de um ato em que Ele tivesse tratado os seres humanos de modo injusto ou sem amor. Além do mais, Ele veio para fazer a vontade do Seu Pai (Hebreus 10:7), procurando salvar um mundo caído (João 3:16). É muito claro que a vontade de Deus e o Seu amor são uma só coisa. Para salvar o mundo, Ele exerceu a Sua vontade plena de amor. Há uma congruência entre a Sua natureza e os Seus atos, porque os Seus atos na história humana são uma revelação da Sua natureza.

A maioria dos Cristãos acredita num Juízo Final no fim da história humana. Mas, para que precisa Deus de um Juízo Final, se o Seu decreto eterno já ajuizou quem será salvo e quem não será salvo? Se o decreto garante a ação de uma graça irresistível em favor dos escolhidos, para que serve o Juízo Final? Eis outro “conflito no seio de Deus” resultante da teoria da predestinação. O facto de que as Escrituras falam acerca de um Juízo pré-Advento (Daniel 7:9 e 10), de um Juízo no milénio (Apocalipse 20:4 e 5) e de um Juízo após o milénio (Apocalipse 20:11-14) contraria a natureza arbitrária do Juízo do decreto divino suposto pelos defensores da predestinação.

Deus não só não é arbitrário, como Ele nada tem a esconder. De facto, Ele quer que todos os seres criados inteligentes vejam claramente – no âmbito dos três Juízos mencionados – porque alguns são salvos e outros não são. Isto vai contra o alegado segredo da decisão divina e expõe abertamente a todos os seres criados inteligentes a verdade sobre Deus: Ele é amoroso e justo nestes três Juízos. Por contraste, o Juízo secreto defendido na teoria da predestinação não é justo e proporciona um argumento extra no grande conflito contra Deus.

O Calvário foi onde se realizou a maior batalha do Grande Conflito. Este foi eminentemente um dia de Juízo (João 12:31 e 32). Como “oferta pelo pecado” (Isaías 53:10), Cristo suportou a separação de Deus no nosso lugar (Mateus 27:46), e no Juízo Final é concedido àqueles que odeiam Deus e querem separar-se d'Ele a realização da sua escolha (Apocalipse 20:14; cf. Mateus 23:37). C. S. Lewis disse: “Há apenas dois tipos de pessoas no fim: Aquelas que dizem a Deus “faça-se a tua vontade” e aquelas a quem Deus diz “faça-se a tua vontade.”⁵

O Calvário define a vontade de Deus. “Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna” (João 6:40). O preço da salvação foi pago para resgatar todos os seres humanos e a salvação é oferecida

a todos os seres humanos, pelo que o decreto eterno deve ser interpretado à luz da morte de Cristo, e não o inverso.

Ao olhar para Cristo na cruz, vejo o sacrifício incomparável e final, vejo um Deus que é infinitamente amoroso e justo. Sendo Deus, Cristo podia ter evitado esse sacrifício, mas o amor levou-O a aceitar toda a vergonha e toda a dor. Jesus lançou um grito lancinante a Deus por Se sentir abandonado por Ele. Todo o pecado humano mergulhou-O naquela terrível agonia. Nas profundezas da morte, o decreto divino tradicional é despedaçado e substituído. Não é Deus que faz a escolha – elegendo uns, rejeitando o resto; Ele escolheu morrer por todos! Pelo que todos os seres humanos podem escolher ou rejeitar a Sua oferta. Isto coloca a teoria da predestinação de pernas para o ar e refuta as alegações de Satanás avançadas no Grande Conflito. Deus respeita a liberdade de escolha própria dos homens. Que amor espantoso! ♣

• Norman R. Gulley
Professor de Teologia

1. Martin Luther, *On the Bondage of the Will*, trad. Henry Cole, Grand Rapids: Baker, 1981, p. 243, sec. 94.
2. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, trad. Henry Beveridge, London: James Clarke, 1962, vol. 2, p. 212 (Livro 3, cap. 23, sec. 7).
3. J. van Genderen e W. H. Velema, *Concise Reformed Dogmatics*, Phillipsburg: P & R, 1992, p. 528.
4. Calvin, *op. cit.*, vol. 2, p. 204 (Livro 3, cap. 21, sec. 1); vol. 2, p. 235 (book 3, cap. 23, sec. 12); vol. 2, p. 229 (Livro 3, cap. 23, sec. 5).
5. C. S. Lewis, *The Great Divorce*, New York: Macmillan, 1945, p. 69.



“Está consumado!”

“**E**stá consumado!”, foram as duas últimas palavras que Jesus exclamou na cruz, ao terminar a Sua obra de salvação aqui na Terra. Depois “inclinou a

cabeça, e entregou o espírito”. O uso da palavra “consumado” significa que Jesus pagou, de modo perfeito e completo, a dívida resultante de todos os nossos pecados. O nosso Senhor veio, um dia, à Terra

em cumprimento das antigas profecias, a fim de realizar a obra de Deus, Seu Pai, que O enviou para salvar a Humanidade perdida. Todos os sacrifícios que tinham sido realizados durante séculos – impli-

O PLANO PARA SALVAR A HUMANIDADE É UM PLANO DE AMOR.

FOI IDEALIZADO NAS CORTES CELESTES ANTES DA CRIAÇÃO DO MUNDO.

cando a morte de muitos milhares de cordeiros que apontavam para a pessoa de Jesus e para a Sua crucificação – foram então anulados no momento da Cruz. As cerimônias rituais terminaram naquela hora redentora. Não mais eram necessárias. Deixaram de ter o sentido com que Deus as tinha estabelecido e ordenado, através dos Seus sacerdotes, ao Seu povo que adorava no santuário terrestre. Jesus era, com efeito, desde o Seu nascimento, verdadeiramente “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Ao oferecer-Se, voluntariamente, para sofrer a morte, e morte de cruz, o Salvador levou sobre Si mesmo todos os pecados da Humanidade. Desde aquela suprema hora, todo o pecador podia então aproximar-se, livremente, de Deus, por causa do grande sacrifício que o Salvador fez por aqueles que creem n'Ele e que, pela fé, escapam à punição do pecado. Está escrito que “sem derramamento de sangue não há remissão” (Hebreus 9:20). A remissão é o ato divino de “lançar fora o pecado”. É o ato de purificar o pecador. É o ato de justificação, ou seja, de tornar justo o pecador, como se este nunca tivesse pecado. Tudo isto devemos a Jesus Cristo que cobre – apaga, limpa, desfaz – os nossos pecados pelo sangue que derramou durante o Seu julgamento e a Sua execução, quando O pregaram na cruz e O levantaram entre os dois malfeitores (Mateus 27:11-56; João 19:1-37).

O plano para salvar a Humanidade é um plano de amor. Foi

idealizado nas cortes celestes antes da criação do mundo. Este plano eterno estabelecia que Jesus, o Filho amado de Deus, viesse à Terra sofrer e morrer pela Humanidade pecadora. Assim, no exato cumprimento do tempo profético, Deus haveria de incarnar na pessoa de Jesus e vir ao mundo para “buscar e salvar o que se havia perdido” (Lucas 19:10). Ele daria a Sua vida e o Seu sangue como preço de eterno resgate por todos os pecadores que se arrependessem.

Somos redimidos plenamente pelo Seu sangue. Assim está escrito que “o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (I João 1:7). E também devemos confiar que “se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça” (I João 1:9).

Conta-se a história de um pastor de ovelhas, já muito idoso, cego e analfabeto, que um dia foi internado, muito doente, num hospital. Tinha uma neta de doze anos que o amava muito. Todos os dias ela visitava-o para o confortar. Cada vez que o ia ver, levava consigo uma Bíblia para lhe ler alguns textos e, especialmente, um dos seus versículos preferidos, segundo o qual “o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado”.

As visitas repetiam-se dia após dia e este versículo era sempre lembrado, pois não podia faltar. E o avô ouvia-o sempre com grande admiração e o maior respeito. Até que perguntou à sua neta: “Minha querida, a Bíblia diz, realmente, isso?

É mesmo verdade que é tal como está escrito?” “Sim, avô, é verdade. É assim que está escrito e eu acredito muito nestas palavras.” Por uns instantes o silêncio veio juntar-se a eles. Então o avô, comovido e com a voz embargada, desabafou o que estava no seu coração: “Minha querida, toma nota do último pedido que te faço hoje: se alguém, um dia, te perguntar de que maneira morreu o teu avô, tu dirás que morreu purificado pelo sangue de Jesus!”

O tempo da nossa redenção está próximo. É o tempo favorável para olharmos com fé e com esperança para cima. Não sabemos o dia, nem a hora, da vinda gloriosa de Jesus. Contudo, temos tido perante os nossos olhos, cada dia, o cumprimento dos sinais que Ele anunciou quando esteve na Terra há 2000 anos. O nosso Salvador deseja que estejamos atentos e vigilantes em todo o tempo e em todas as circunstâncias. Deseja que nos preparemos, individualmente, em obediência à Sua voz, à Sua Palavra, à Sua Lei, para que vivamos sempre confiantes n'Ele até ao completo cumprimento da promessa fiel e verdadeira que nos deixou: “Virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também” (João 14:3). Não desprezemos nunca a voz do Seu Espírito até àquele dia de eterna Libertação e de incomparável Glória.

Maranata! O Senhor vem! ✨

• **Carlos Santos**

Membro da IASD de Coimbra



Quando a Igreja invade o mundo

QUANDO DAMOS ÀS PESSOAS O QUE ELAS PRECISAM, ELAS CONFIAM EM NÓS. ESSE ERA O MÉTODO DE CRISTO.

.....

Imagine se, na véspera de Natal, o pátio de 900 metros quadrados de uma igreja se tornasse num restaurante comunitário para receber 260 pessoas da vizinhança do templo! Gente de todo o tipo, de todas as crenças e de todos os níveis sociais. Pessoas que talvez nunca entrariam ali, mas que, por causa da postura daquela congregação, viram naquele prédio moderno e recém-inaugurado um local acolhedor.

E se essa ação não fosse meramente um evento pontual, que marcasse o desfecho da campanha de angariação de Natal e atraísse a atenção dos meios de comunicação locais, mas fosse o fruto de um trabalho sério e contínuo de mobilização dos fiéis para servir a cidade? Melhor. E se esse movimento fosse o resultado do esforço de Adventistas que estão a procurar redescobrir o senso de comunidade, reunindo-se semanalmente em pequenos grupos para

orar, estudar a Bíblia e acolher a vizinhança? E se essa revolução espiritual tivesse nascido de uma nova compreensão de qual é a visão e a missão da Igreja? De modo que, a melhor e a maior parte dos recursos, do tempo e das habilidades dos membros fosse canalizada para transformar aquela congregação na “igreja da comunidade”? Esta tem sido a experiência da igreja Central de Sobradinho, Brasil, nos últimos anos.¹

Abrigo para os sem-abrigo

Agora imagine se dois sem-abrigo entrassem sujos e a cheirar a álcool numa igreja Adventista e, como reação natural, mas anticristã, ninguém se aproximasse deles? Mas, e se a simples presença desses sem-abrigo incomodasse alguns membros e os fizesse refletir sobre quão real era a experiência religiosa da sua congregação?

Melhor. E se a igreja implantasse um ministério específico para atender cerca de 50 sem-

-abrigo por ano? E se a congregação de apenas 120 membros, por demonstrar o Evangelho prático, levasse ao batismo, em média, 20 pessoas por ano? É isso que tem experimentado a igreja de Minlak, em Uijeongbu, no Norte da Coreia do Sul.

“Quando damos às pessoas o que elas precisam, elas confiam em nós. Creio que esse é o método de Cristo para ajudar os outros”, revelou Lee Young Hwa, o ancião da igreja encarregado deste ministério. Lee, empresário e ex-consultor de *marketing*, de 58 anos, partilha com os sem-abrigo a sua superação de uma depressão profunda. A cada semana, a igreja dele oferece refeições e apoio para a reintegração social dos sem-abrigo que a procuram.²

Servir antes de pregar

E o que dizer do sonho de plantar igrejas num país em que a geração atual de crianças foi criada por avós que deixaram de frequentar

igrejas cristãs e por pais que nunca foram ensinados a ser religiosos? Esta é a realidade da Holanda, onde vivem apenas 5600 Adventistas, sendo que metade deles é imigrante. Porém, mesmo neste contexto de forte secularismo, um fator universal de crescimento parece estar a gerar resultados. Esse fator é o foco na comunidade.

Das 60 igrejas Adventistas do país, 7 foram iniciadas nos últimos nove anos e 12 congregações estão em formação. A ideia é centrar os recursos e os esforços dos membros nas necessidades da comunidade. “Não é pela pregação ou pela realização de reuniões que as pessoas vão ser convencidas da mensagem Adventista. Para alcançar as pessoas seculares descobrimos que precisamos de ser uma igreja muito prática”, explicou Wim Altink, líder dos Adventistas na Holanda. Lá, os Adventistas precisam de estar dispostos a servir por anos a fio

até que tenham a oportunidade de falar sobre religião.

É verdade que entre os imigrantes a implantação de igrejas acontece de modo mais rápido, levando por volta de três anos para formar uma congregação com cem pessoas. Mas o caminho tem sido o mesmo: servir antes de pregar. Como é o caso da igreja de Delft, que nasceu a partir do trabalho de vários assistentes sociais antilheses que decidiram direcionar as ações da igreja para a comunidade, especialmente para as mães adolescentes. O grupo chegou a organizar uma fundação que hoje recebe apoio governamental. Para os líderes holandeses, essa congregação é um exemplo de implantação de igrejas baseada no serviço comunitário.³

Colmeias na Califórnia

A revitalização espiritual e o crescimento numérico experimentado pelas congregações ci-

tadas relembram-nos de que um elemento fundamental da natureza da igreja cristã é o serviço. Duas igrejas que ficaram conhecidas por receberem elogios específicos de Ellen G. White sobre a sua atuação na comunidade foram as congregações de San Francisco e de Oakland, ambas na Califórnia, Estados Unidos da América.

Ela escreveu que, ao entrar, no dia 10 de novembro de 1900, na igreja de San Francisco, lembrou-se de um sonho dado por Deus, em 1874, de que a evangelização nas duas cidades progrediria quando as congregações trabalhassem pela comunidade como grandes colmeias.⁴ Ellen G. White viu o cumprimento dessa revelação quando entrou na igreja de San Francisco naquele Sábado de novembro.

A razão da sua surpresa e da sua alegria deveu-se ao facto de ela se deparar com um templo cheio e com uma igreja que atuava dentro e fora do prédio. Visitação



a doentes e a desamparados, fundação de lares para órfãos, ministérios em favor dos desempregados, ensino da Bíblia nos lares, distribuição de literatura, aulas sobre vida saudável, escola para crianças e um restaurante vegetariano eram algumas das frentes de ação daquela igreja.⁵

Com tantas necessidades para atender, era evidente que boa parte da congregação precisava de estar envolvida em algum ministério, conforme a habilidade e a disponibilidade de cada membro. Por isso, Ellen White utilizou a metáfora da colmeia, referindo-se assim ao trabalho contínuo e organizado dos membros.

Outro detalhe que chama a atenção na descrição de Ellen G. White é que a igreja se misturou com a comunidade e se fez presente em pontos de grande movimentação da cidade. Ela menciona que havia uma filial do Hospital de Santa Helena próxi-

mo do teatro municipal, existia um restaurante vegetariano no centro da cidade, ações evangelísticas eram realizadas no porto, a bordo dos navios, e séries evangelísticas eram realizadas nos principais salões da cidade.

Cristo, o modelo

Um precedente histórico mais importante e contundente do que o apresentado por Ellen G. White é a abordagem utilizada pelo próprio Cristo. Segundo Mateus 9:35, “Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas-novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças”. Ao especificar o método de Jesus, Ellen G. White escreveu: “O Salvador misturava-Se com os homens como Alguém que desejava o seu bem. Manifestava simpatia por eles, ajudava-os nas suas necessidades e ganhava a sua confiança. Depois ordenava-lhes: ‘Segue-me.’”⁶

Ninguém manifestou maior espírito de entrega do que Ele. A Sua incarnação (João 1:1-5, 14) mostrou que a lei suprema que governa o Universo é a lei do serviço⁷ e exemplificou a atitude que deve marcar o envolvimento da Igreja com o mundo que perece sem salvação. Como corpo visível de Cristo, a cabeça invisível (Efésios 5:23), a Igreja deve cumprir fielmente o seu papel de ser uma extensão do ministério de Jesus, servindo de agente de distribuição da Sua graça libertadora.⁸

A Igreja Primitiva parece ter entendido isso. Apesar dos conflitos com os quais lidaram (Atos 6:1; 11:2 e 3; 15:1 e 2, 7, 36-40), os primeiros Cristãos tinham a unidade como um alvo permanente, que frequentemente era alcançado (Atos 1:14; 2:42-46; 4:35; 5:12-16; 9:31).⁹ Portanto, boa parte do livro de Atos aponta para uma Igreja unida, ousada na pregação e interessada em minimizar o so-





frimento humano (Atos 2:42-47; 4:32).¹⁰ A experiência dos primeiros Cristãos mostrou quão poderosa é a união da Grande Comissão (Mateus 28:18-20) com o espírito dos dois grandes mandamentos (Mateus 22:37-40).

Despertar

Hoje, vejo que os Adventistas começam a despertar para a realidade de que temos de sair da nossa zona de conforto para servir a comunidade. Líderes e igrejas estão a perceber que algumas das nossas congregações têm sido irrelevantes e invisíveis na sua comunidade porque se limitaram a viver numa “bolha religiosa”. Baseadas numa visão restrita – de que a Igreja é uma fortaleza que precisa de proteger os seus fiéis do mundanismo – muitas congregações não entenderam que a Igreja também é um exército unido que marcha sobre o reino das trevas, atuando como sal e luz do mundo (Mateus 5:13-16).

Percebo o despontar deste despertar em iniciativas institucionais e voluntárias. E vibro especialmente com aquelas que não são fruto de promoção massiva e da moda, mas são o resultado de comunidades que tiveram um

redirecionamento da sua visão, depois de redescobrirem o que significa ser Igreja. Quando isso acontece, os crentes são revitalizados e as infundáveis discussões sobre o quanto “o mundo entrou na Igreja” são substituídas pela preocupação sobre o quanto a Igreja já avançou sobre o mundo.

Nessa direção, a nova ênfase sobre a evangelização das metrópoles adotada pela Igreja Adventista mundial deve cooperar para gerar esse novo olhar das congregações sobre a sua comunidade envolvente. Ao resgatar os conselhos de Ellen G. White – dados há mais de um século – de que a missão nas grandes cidades deveria dar-se por meio da implantação de centros de influência, fossem eles livrarias, hospitais, restaurantes vegetarianos, escolas ou outras valências, a denominação reconhece que, em contextos de grande secularização, é recomendável que a prática do Cristianismo preceda o discurso religioso.

Porém, enganam-se os que se desanimam, pensando que para fazer isto são necessários muitos recursos financeiros e humanos. Mais do que ser uma condição, atender às necessidades da comunidade que nos cerca é uma ques-

tão de percepção e de disposição. No sonho de Deus, cada igreja seria um centro de ensino, uma escola de missões que treinaria voluntários para abençoar a vizinhança do templo.¹¹

Se a Igreja despertar para esta missão, o processo de evangelização será mais eficaz e concluído com maior rapidez, porque “o amor revelado pela Humanidade sofredora dá sentido e poder à verdade”:¹² O Espírito de Deus estará a mover-se entre o Seu povo! 

• **Wendel Lima**

Editor da Revista Adventista Brasileira

1. *Revista Adventista*, fevereiro de 2013, p. 31.

2. “Na Coreia do Sul, a ‘igreja do amor’ revela rápido crescimento graças ao ministério pelos sem-teto”, reportagem publicada em 11 de janeiro de 2013, em news.adventist.org/pt.

3. “Na Holanda, o crescimento da Igreja gira em torno de relevância comunitária”, reportagem publicada em 13 de março de 2013 em news.adventist.org/pt.

4. Ellen G. White, *Ministério para as Cidades*, p. 139.

5. Ellen G. White, *Beneficência Social*, p. 112.

6. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 94, Ed. P. SerVir.

7. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 23-28, Ed. P. SerVir.

8. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, pp. 9, 11 e 12, Ed. P. SerVir.

9. Bernhard Oestreich, “Unidade na diversidade”, *Ministério*, maio-junho 2012, pp. 14-16.

10. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, pp. 49 e 50, Ed. P. SerVir.

11. Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 59.

12. Ellen G. White, *Beneficência Social*, p. 32.

CONVENÇÃO EDUCAÇÃO 2016

CAOD - Colégio Adventista de Oliveira do Douro
22 a 24 de julho, 2016

"EDUCAR PARA OS DESAFIOS DA VIDA"

CONVIDADO

Dr. Roberto Badenas

Pastor e Professor aposentado, atualmente Diretor do Departamento de Educação da União Espanhola. Autor de diversos livros sobre educação e outros assuntos, destacando-se o Livro Missionário 2016, "Enfrentar a Dor".

PÚBLICO ALVO

Profissionais de Educação Adventistas da Rede Escolar ASD ou fora desta

ORGANIZAÇÃO

Departamento de Educação da UPASD



IGREJA ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA



Educação Adventista